

**FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**



**O ensino de literatura no ensino fundamental II:
Metodologias e perspectivas**

VANUZA CARDOSO DE SOUZA VASCONCELOS

**Asunción – Paraguay
2016**

**FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**



Linha de pesquisa: Currículo, Ensino e Aprendizagem (CEA)

O ensino de literatura no ensino fundamental II:

Metodologias e perspectivas

Vanuza Cardoso de Souza Vasconcelos

Dissertação apresentada ao Programa de Postgrado da Faculdade Interamericana de Ciencias Sociales - FICS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Orientador: Prof. Dra. Susana Barbosa Galvão

**Asunción - Paraguay
2016**

MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN
A COMISSÃO ABAIXO ASSINADA APROVA A DISSERTAÇÃO:

Vanuza Cardoso de Souza Vasconcelos

**O ensino de literatura no ensino fundamental II:
Metodologias e perspectivas**

COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Profa. Dra. Susana Barbosa Galvão
ORIENTADOR
FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Ismael Fenner – Secretario General
FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES

Prof. Dr. Ricardo Antar
FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES

Prof. Dr. Carlino Iván Morinigo
FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES

Asunción – Paraguay
2016

Dedico este trabalho a Deus, que está comigo a todo instante, dando-me paciência, sabedoria, persistência para exercer meu ofício de aprender e ensinar.

AGRADECIMENTOS

A toda minha família, meu pai José e minha mãe Carmem, pelas palavras de confiança, minha irmã Valéria por ser meu porto seguro, André por acreditar e me incentivar, minhas filhas Isaura e Luísa pela paciência e Vera por sempre me apoiar quando precisei. Amo vocês.

Agradeço aos colegas de curso pela troca de experiência, todos acrescentaram muito na minha vida, guardarei com carinho a amizade de todos.

A todos da coordenação do curso, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade. Agradecer a todos que direto ou indiretamente contribuíram para a realização de mais uma etapa da minha vida.

“Uma vez que a criação só se completa na leitura, uma vez que o artista deve confiar a outro o cuidado de terminar o que começou, pois é apenas por meio da consciência do leitor que ele pode apreender-se como essencial à sua obra, toda obra literária é um convite. Escrever é convidar o leitor para que ele dê à existência objetiva o desvelamento que eu empreendi por meio da linguagem.”

(SARTRE, 1989, p.1)

RESUMO

O presente estudo intitulado O ensino de literatura no ensino fundamental II: metodologias e perspectivas considera que a literatura é o melhor caminho para desenvolver o gosto pela leitura, além de ser um instrumento que pode proporcionar melhorias para a qualidade da educação. Dado o exposto, a presente pesquisa tem como objeto analisar como se processa o ensino da literatura nas escolas do ensino fundamental, no sentido de reconhecer sua importância para o incentivo à leitura prazerosa que desperta a emoção, a fantasia, o senso crítico e a sensibilidade do educando. Para tanto, buscaremos atender aos seguintes objetivos específicos: estudar as dificuldades de inclusão da literatura na escola; conhecer como se realiza o estudo da literatura na sala de aula; compreender o real sentido e a contribuição que a literatura traz para a vida do aluno; bem como entender a relação da literatura com a leitura. Diante disso, a pesquisa apoiou-se em teóricos como: Fanny Abramovick (1997), Nelly Coelho (1991), Marisa Lajolo (1995, 1998, 2001 e 2004), Ângela Kleiman (1999, 2002, 2004 e 2011), Edgar Morin (2002), Ezequiel Silva (1986, 1988 e 2002), Alice Vieira (1989), Regina Zilberman (1990, 2003 e 2004) dentre outros. Do ponto de vista metodológico, parte de uma abordagem quanti-qualitativa, que contou com três momentos para o desenvolvimento da investigação. O primeiro foi a participação dos momentos de planejamento de oito professores da área de linguagem e aplicação de um questionário. Já o segundo, compreendeu a elaboração de oficinas com os alunos do 6º ao 9º ano. Por fim, foi realizada uma observação em sala de aula com aplicação de um questionário para 76 alunos. Análises das respostas obtidas deixaram evidente que os professores possuem pouca intimidade com a leitura literária, por isso sentem certa dificuldade em trabalhar qualquer tipo de leitura em sala de aula, o que pode ser atribuído ao fato de os alunos chegarem na escola sem nenhum hábito para ler, ou mesmo em razão da biblioteca da escola não ter o mínimo necessário de estrutura. Em última análise, conclui-se que esse distanciamento da leitura, de um modo geral, tem contribuído para o resultado ruim na aprendizagem, pois o ato de ler é o passaporte inicial para a construção do conhecimento.

Palavras-chaves: Leitura. Literatura. Ensino de literatura. Gosto pela leitura.

RESUMEN

El presente estudio titulado La enseñanza de la literatura en la enseñanza secundaria: metodologías y perspectivas considera que la literatura es la mejor manera de desarrollar el gusto por la lectura, además de ser un instrumento que puede aportar mejoras para la calidad de la educación. Dado lo anterior, la presente investigación tiene como objetivo analizar cómo se procesa la enseñanza de la literatura en las escuelas secundarias, con el fin de reconocer su importancia para fomentar una lectura agradable que despierte emoción, fantasía, pensamiento crítico y sensibilidad del alumno. Para tanto, buscaremos cumplir los siguientes objetivos específicos: estudiar las dificultades para incluir la literatura en la escuela; saber cómo se realiza el estudio de la literatura en salón de clases; comprender el significado real y la contribución que la literatura aporta a la vida del alumno; así como comprender la relación entre literatura y lectura. Por lo tanto, la investigación fue apoyada por teóricos como: Fanny Abramovick (1997), Nelly Coelho (1991), Marisa Lajolo (1995, 1998, 2001 y 2004), Ângela Kleiman (1999, 2002, 2004 y 2011), Edgar Morin (2002), Ezequiel Silva (1986, 1988 y 2002), Alice Vieira (1989), Regina Zilberman (1990, 2003 y 2004) entre otros. Desde el punto de vista metodológico, se parte de un enfoque cuantitativo y cualitativo, que tuvo tres momentos para el desarrollo de la investigación. El primero fue la participación en los momentos de planificación de ocho docentes del área de lengua y la aplicación de un cuestionario. El segundo incluyó la elaboración de talleres con alumnos de 6° a 9° grado. Finalmente, se realizó una observación en el aula con la aplicación de un cuestionario para 76 estudiantes. El análisis de las respuestas obtenidas lo hizo evidente que los docentes tienen poca intimidad con la lectura literaria, por lo que sienten cierta dificultad para trabajar con cualquier tipo de lectura en el aula, lo que puede atribuirse al hecho de que los alumnos llegan a la escuela sin ningún hábito de leer, o incluso porque la biblioteca de la escuela no tiene la estructura mínima necesaria. Por último, se concluye que este alejamiento de la lectura, en general, ha contribuido para resultados de aprendizaje deficientes, ya que el acto de leer es el pasaporte inicial para la construcción del conocimiento.

Palabras clave: Lectura. Literatura. Enseñanza de literatura. Gusto por la lectura.

ABSTRACT

The present study entitled the teaching of the literature in the teaching fundamental II: methodologies and perspectives consider a literature as the best way for develop the liking for reading, and, can be a instrument for to provide improvement to quality education. So, the present search has as direct to analysis as process the literature's teaching at school fundamental, to recognize its importance to incentive the pleasant reading for to arouse the emotion, the fantasy, critical sense, and student's sensibility. Therefore we will search to answer the specific objectives: To study the difficulties of the literatures inclusion at school; to recognize as realize the literature studying at classroom; to understand the real way and the contribution that literature bring to student's life, and to extend the relation of the literature with the relation of the search supported in the theorists as: Fanny Abramovick (1997), Nelly Coelho (1991), Marisa Lajolo (1995, 1998, 2001, 2004), Ângela Kleiman (1999, 2002, 2004, 2011), Edgar Morin (2002), Ezequiel Silva (1986, 1988, 2002), Alice Vieira (1989), Regina Zilberman (1990, 2003, 2004), among others. From the standpoint methodologic the studying has the approach qualitative quantitative, with three moments to development to investigation. The first moment there was a participation of the light teachers of the language areas to planning and application of the questionnaire. Already in the second moment, happened the elaboration of the workshops with students of the 6^o to 9^o years. Ultimately realized an observation in the classroom with 76. Analysis of the answers obtained evidenced who the teachers have few familiarity with literary reading therefore find difficulty to work any type of reading in the classroom, revealing a lack of reading habit on same a library with minimum structure necessary. In the last analysis, concludes these distance of the reading in the generally, contribute to bad result in the knowledge, because the reading is a initial passport to the field of knowledge.

Key-Words: Reading. Literature. Teaching of literature. Enjoy reading.

SUMÁRIO

| | | |
|-------------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 14 |
| 2.1 | A importância da literatura para a formação do jovem | 14 |
| 2.2 | A literatura e o cotidiano escolar | 19 |
| 2.3 | Leitura literária | 23 |
| 2.4 | O trabalho do professor com a literatura | 26 |
| 2.5 | Concepção de leitura | 35 |
| 2.6 | O prazer de ler | 36 |
| 2.7 | Livros literários na escola | 39 |
| 2.8 | O texto literário no livro didático | 42 |
| 2.9 | Texto como pretexto | 45 |
| 2.10 | Poesia na sala de aula | 47 |
| 2.11 | Leitura e tecnologia | 49 |
| 2.12 | Políticas públicas de incentivo à literatura | 51 |
| 2.13 | A interdisciplinaridade da literatura | 54 |
| 3 | METODOLOGIA | 58 |
| 4 | ANÁLISE E DISCUSSÃO | 62 |
| 5 | CONCLUSÃO | 68 |
| | REFERÊNCIAS | 70 |
| | ANEXOS | 74 |
| | Anexo I – TCLE e Questionário para os alunos do 6º ao 9º ano da Escola Nice Públio da Silva Leite | 75 |
| | Anexo II – TCLE e Questionário para os professores de Artes e Língua Portuguesa do 6º ao 9º ano da Escola Nice Públio da Silva Leite | 80 |
| | Anexo III — Oficina “Festa da leitura” | 84 |
| | Anexo IV — Relatório da oficina aplicada com os alunos | 86 |

1 INTRODUÇÃO

Por se tratar de uma forma específica de conhecimento, é importante que o texto literário esteja presente nas salas de aula. Vieira (1989) afirma que a literatura não só traduz a decodificação do código linguístico, mas também a elaboração de sistemas de referências e valores necessários à formação e ao desenvolvimento do espírito crítico.

Do ponto de vista pedagógico, a literatura no ensino fundamental tem ocupado pouco espaço na rotina escolar, portanto, privada de seu papel formador e substituída por outras tendências de leitura que desbancam o texto literário para lugares secundários ou puramente inexistentes. Em face disso, ao limitar o contato direto do leitor com a literatura, menosprezando a sua eficiência, a escola está ignorando aspectos essenciais para a formação do indivíduo. É o que pontua Aguiar (1988)

A formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito (p. 16).

Dentre as muitas questões polêmicas existentes na educação, este estudo procura embasamento para compreender as concepções e as práticas utilizadas na realização do ensino de literatura nas escolas para entender o sentido, a influência e a importância dela na formação do jovem, na história recente e no mundo contemporâneo, uma vez que a leitura deve satisfazer as necessidades pessoais do indivíduo e estar relacionada às ações efetivas do cotidiano para a transmissão e busca de informações, assim como para o exercício da reflexão.

A literatura não tem compromisso com a realidade, mas com o real que ela cria, é ficção, isto é, fantasia. Assim, instigar no leitor a curiosidade e o interesse pela descoberta permite que ele vivencie situações jamais vividas, tornando-o capaz de enfrentar situações novas, pois romper com as barreiras da realidade lhe possibilita acumular experiências só vividas no imaginário. Com efeito, a literatura tem a capacidade de tornar o leitor tão mais crítico quanto criativo.

Por outro lado, a literatura possibilita a materialização e o registro padrão da língua que também desenvolve o desempenho linguístico do falante. Dessa forma, é possível, por intermédio da leitura, dominar a norma culta preconizada sem a necessidade de obrigar ao aluno a memorização de regras gramaticais, que só são utilizadas em momentos de avaliação.

Porém, o que se sabe é que a escola, por muito tempo, esteve afastada do convívio cultural, no que diz respeito à literatura. Os cursos de formação, nesse sentido, não se desenvolveram com a atenção e o aprofundamento que a disciplina exige, pois não os

instrumentalizou suficientemente para a difícil realização dessa tarefa escolar. Cabe assinalar, ainda, que as bibliotecas, em muitos casos, não foram alimentadas com a variedade e a riqueza do conhecimento humano artístico e científico produzido no mundo dos livros, já que:

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura – que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e de demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura (BRASIL, 1997, p. 58).

É importante frisar que a literatura é o melhor caminho para desenvolver o gosto pela leitura, além de ser um instrumento que pode, por conseguinte, proporcionar melhorias para a qualidade da educação. Portanto, a elaboração desse trabalho se apoiou nos seguintes teóricos, Fanny Abramovick (1997), Nelly Coelho (1991), Marisa Lajolo (1995, 1998 e 2001), Ângela Kleiman (2004 e 2008), Edgar Morin (2002), Ezequiel Silva (1986, 1988, 2002 e 2009), Alice Vieira (1989), Regina Zilberman (1990, 2003 e 2004) dentre outros.

Dado o exposto, a presente pesquisa tem como objeto analisar como se processa o ensino da literatura nas escolas do ensino fundamental, no sentido de reconhecer sua importância para o incentivo à leitura prazerosa que desperta a emoção, a fantasia, o senso crítico e a sensibilidade do educando. Para tanto, buscaremos atender aos seguintes objetivos específicos: estudar as dificuldades de inclusão da literatura na escola; conhecer como se realiza o estudo da literatura na sala de aula; compreender o real sentido e a contribuição que a literatura traz para a vida do aluno; bem como entender a relação da literatura com a leitura.

Para maior conhecimento e estudo sobre o desenvolvimento da leitura literária nas escolas de ensino fundamental, a questão deve ser discutida com quem conhece e vivência dessa realidade: professores e alunos. Por isso, do ponto de vista metodológico, essa pesquisa se apoiou na abordagem quanti-qualitativa, que contou com três momentos para o desenvolvimento da investigação. O primeiro foi a participação dos momentos de planejamento dos professores da área de linguagem, momento em que foi aplicado um questionário. O segundo momento compreendeu a elaboração de oficinas com os alunos do 6º ao 9º ano. Por fim, foi realizada uma observação em sala de aula com aplicação de um questionário para os alunos.

Com base nessas reflexões, a presente pesquisa está organizada em capítulos, além de introdução e considerações finais: O Capítulo I compõe a Introdução, o Capítulo 2 trata da Fundamentação Teórica, que está subdividida em 13 subtópicos, a saber: o 2.1 que aborda sobre a importância da literatura para a formação do jovem; o 2.2 traz uma abordagem sobre a literatura no cotidiano escolar; o 2.3 trata da Leitura Literária na escola, para tanto mostra a

falta de compromisso da escola para com a arte, principalmente da Literatura, que está perdendo o seu caráter educativo, levando a uma acentuada queda no desempenho da leitura; o 2.4 realiza uma explanação sobre o trabalho do professor com a arte literária, além de deixar evidente que o professor precisa se desprender do ensino tradicional ao trabalhar a Literatura, encarando-a como arte, para isso precisa ser leitor, investigador, bem como conhecer os anseios e os interesses do aluno, o que implica em ser capaz de mostrar ao educando que esta pode ser uma forma de lazer; o subtópico 2.5 expõe uma concepção de leitura e mostra ela como mediadora entre o homem e o mundo, desencadeando emoções, fantasias, além de produzir conhecimento; o 2.6, intitulado, o Prazer de ler, destaca que ao se utilizar o lado lúdico da Literatura, o professor incentiva o aluno a ler prazerosamente; o 2.7 mostra como são tratados os livros literários na escola, enquanto um objeto raro, embora imprescindível, o qual, quando adotado, não atende às necessidades dos alunos; o item 2.8 fala do texto literário na escola, do seu uso fragmentado e mecânico, sempre usado para fins e estudos gramaticais, condição que desestrutura a leitura, no lugar de estimular para novas conquistas; 2.9 é uma continuação do subtópico anterior, uma vez que traz o texto como pretexto, mostrando que o objetivo primário da maioria dos professores é utilizá-lo nas aulas de gramática e nunca como motivo de estímulo para novas leituras; o 2.10, cujo título é A poesia na sala de aula, explana sobre a poesia, gênero escolhido porque, normalmente, o aluno chega à escola com a sensibilidade para a Literatura adquirida nas cantigas de ninar, mas que, prejudicialmente, no decorrer da vida escolar, adormece; o 2.11 esclarece acerca da relação entre a leitura e a tecnologia diante da dificuldade em formar leitores no mundo contemporâneo com as diferentes linguagens, diversidade cultural e tecnológica; o 2.12 mostra a falta de interesse e de incentivos governamentais e de Políticas Públicas para investir em projetos e estruturas para melhorar e incentivar a prática da leitura literária; por fim o 2.13 discute sobre o trabalho de interdisciplinaridade como uma ferramenta poderosa no processo ensino aprendizagem.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A importância da literatura para a formação do jovem

É indiscutível que a literatura é muito importante para o desenvolvimento intelectual do jovem, entretanto, na grande maioria das vezes, isso não é levado a sério, nem no âmbito familiar, nem escolar. O indivíduo chega na adolescência, em muitos casos, sem nenhum gosto pela leitura, todo o encantamento vivido com as “historinhas infantis” acabam se perdendo.

O aluno que está no ensino fundamental II, normalmente, tem entre uma faixa etária de 12 a 16 anos, momento em que vivencia um período de mudanças físicas, cognitivas e sociais. Esses fatores, de forma conjunta, influenciam no desenvolvimento da personalidade desse jovem nessa idade. É uma fase do desenvolvimento humano que consiste na transição da infância para a fase adulta a qual, muitas vezes, é marcada por conflitos entre o seu subjetivo e o contexto social, além de ser um período de muitas descobertas, ansiedade por algo novo e desafiador.

Nesse sentido, a literatura pode ser uma ferramenta importante para o indivíduo nessa fase, existe um vasto acervo de livros que pode ajudar o jovem a encontrar respostas para seus anseios, além de divertir, de colocar o leitor a vivenciar diversas situações desafiadoras capazes de o ajudar a resolver problemas reais, bem como a fazer reflexão sobre comportamentos, desenvolver senso crítico, a entender a realidade. Tudo isso vai depender do gênero e da escolha do livro.

Sendo assim, não dá mais para a escola pensar na literatura infanto-juvenil como algo de pouco valor pedagógico, que só tem a finalidade de diversão. Por isso, ela deve ser encarada como uma ferramenta poderosa e usada de forma diversificada no momento de planejar as aulas e nos projetos da escola. A arte tem o poder de seduzir, e pensando por esse viés, pode funcionar como elemento para ensinar, ou mesmo para inserir o aluno na discussão de temas, desenvolver a capacidade de refletir, de dar opinião, ao mesmo tempo, em que amplia seu vocabulário e auxilia no alcance da autonomia para que ele escreva melhor.

Contudo, ao contrário disso, a escola em muitos momentos trabalha a literatura de uma forma não prazerosa, dado que promove atividades voltadas apenas para a mensuração de notas, ou leituras descontextualizadas, de modo que, constantemente, essas atividades não condizem com a faixa etária do leitor. Dessa forma, ao invés de contribuir para formar leitores, faz com que o aluno se afaste e não goste de ler. Nesse sentido, Rocha (2008) argumenta que:

[...] problemas com o ensino da leitura nas escolas, muitas vezes decorrentes de práticas centradas em concepção de texto como mero repositório de informações e de leitura como ato de decodificação, em que o trabalho com leitura enfatiza, prioritariamente, o ensino da gramática, da ortografia, da escrita-padrão (p. 26).

É indispensável acrescentar que a literatura tem o poder de fazer o leitor interagir consigo e com outras pessoas, dialogar com a obra em si, assim é necessário que esses pontos sejam considerados no momento de estudo na sala de aula. Existe uma diversidade de gêneros literários, cada um com características diferentes, escritos ou falados, capazes de facilitar e aprimorar o processo de desenvolvimento da leitura com autonomia, basta que sejam bem trabalhados pelo professor. Portanto, o educador tem um papel fundamental de mediador e deve criar boas estratégias de trabalho para atingir tais fins. É comum que o professor de Língua Portuguesa alegue ter uma grade de conteúdo extensa para um tempo pedagógico curto, por isso, condição que é usada como argumento para não dar ênfase a arte, mesmo quando considera que ela tem potencial para isso.

A arte dá à escrita a possibilidade para que o leitor renove e prolongue as experiências que o texto traz consigo. Nesse sentido, a arte forma um elo entre o homem e o mundo alimentando fantasias, desencadeando emoções, reavivando o intelecto, com isso, produzindo conhecimentos, ou seja, provocando um processo de transformação no indivíduo. Mesmo porque, uma das maneiras da humanidade se expressar, é por meio da literatura, e é comum as ciências humanas buscarem seus conhecimentos nas obras literárias, sobrepondo momentos históricos, porém exercendo um fascínio permanente, porque nela existe uma verdade eterna. O homem cria por meio da linguagem, representações que se tornam obras que vão passando de geração para geração, por releituras. Assim, quando passado e presente se juntam, provocam um discurso de vivências profundas.

A literatura resiste ao tempo, não se esgota com o discurso informativo dos jornais e noticiários, têm um quê de perenidade, parece sempre ter o que dizer ao homem que a procura, permanece na memória à qual o indivíduo recorre, a linguagem comum serve-nos para as nossas necessidades mais imediatas, assim nossa memória retém, com dificuldade, relatos que nos prendem por laços mais emotivos (CHIAPPINI, 2002, p. 24).

Nessa vivência de culturas dos presentes ou do passado, acaba-se por colocar o comportamento do homem em discussão, de modo que se provoca uma relação literatura/homem, pois a literatura, favorece à formação do indivíduo, sendo um requisito indispensável a seu aprimoramento intelectual. A esse respeito, Zilberman (1990, p. 19) observa que “a leitura do texto literário constitui penetrar no âmbito da alteridade, sem perder de vista sua subjetividade e história”.

Neste momento, ampliam-se os horizontes, já que o leitor consegue se situar em outro contexto, colocando-se na situação do outro, assim desvincula-se do seu momento histórico e vive o momento propiciado pela leitura. Deve, pois, o professor estar atento quanto a sua atuação enquanto educador, ou seja, se ela está sendo eficiente, motivadora e se está estimulando no aluno o prazer de ler um clássico da literatura e explicar a ele a importância disso. Eis a razão para a escola oferecer condições necessárias no trabalho de formação do leitor, disponibilizando não apenas livros, mas também outros materiais de leitura, isto é, variedades que permitam a diversificação de situações de leitura.

Para que um jovem possa gostar de ler, ele precisa ser estimulado, e essa é uma tarefa, assim como outra qualquer, que se aprende. Sua prática é o caminho mais eficaz para construir o conhecimento e a formação em todas as esferas, dado que a prática da leitura também coloca o leitor a vivenciar diversos sentimentos, experimentar várias sensações, oportuniza momentos que coloca o indivíduo a dar opiniões, além de oportunizar a expansão dos seus horizontes e produzir um significado de acordo com suas vivências e conhecimento de mundo. Segundo Paulo Freire (1998), ler não é apenas um processo de decodificação de palavras escritas. Conforme destaca o pensador, ler não

[...] se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto (FREIRE, 1998, p.11).

Um outro ponto bem considerável, é que a leitura, sendo literária ou não, promove a interação entre leitor e autor, por isso, automaticamente, o conteúdo do livro, o ponto de vista, os posicionamentos e as atitudes dos personagens podem ajudar o leitor a entender o que está a sua volta. O momento de leitura exige que o leitor se posicione, opine, aplique seus conhecimentos, busque todos os elementos armazenados para construir o sentido do texto lido.

Partindo desse pressuposto, ler não é uma atividade de decodificação de símbolos, um ato mecânico, essa ação exige que o leitor aplique seu conhecimento prévio e linguísticos e tenha uma participação ativa. Segundo Kleiman (2011, p. 25), no momento da leitura, o indivíduo utiliza não só suas experiências de vida, mas também os faz uso de recursos linguísticos e textuais. O referido autor destaca que

[...] o conhecimento linguístico, o conhecimento textual, o conhecimento de mundo devem ser ativados durante a leitura para poder chegar ao momento de compreensão, momento esse que passa despercebido, em que as partes discretas se juntam para fazer um significado. O mero passar de olhos não é leitura, pois a leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado, de lembranças e

conhecimentos, daqueles que são relevantes para a compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos (KLEIMAN, 2011, p. 26).

Por tudo isso, é impossível pensar na formação de indivíduo crítico, capaz de tomar decisões, seguro em seus sentimentos, com um conhecimento vasto, com um vocabulário amplo, com facilidade para escrever, sem que ele tenha o hábito de ler, ou mesmo uma apreciação pela arte literária.

É sabido que a família exerce grande influência na formação da criança, sobretudo quando estimula o contato com a literatura, uma vez que esse mecanismo alimenta o imaginário da criança. Dessa forma, a literatura consiste em dar experiências às ações, reações e emoções por meio da ficção, em razão de promover o equilíbrio para que esse indivíduo aja diante de determinadas circunstâncias impostas pela vida.

O prazer pela leitura começa no momento em que a família transforma essa atividade em algo livre e interessante. Quando os pais contam uma história e proporcionam que seus filhos possam escolher os livros e os assuntos de sua preferência, quando sugere que eles falem sobre o que mais gostam, quando incentivam que recontem essas histórias, montem peças para os amigos. A escola também tem papel fundamental no estímulo à leitura. Por isso, a primeira atitude para a formação do hábito de ler na escola diz respeito à seleção do material e da forma que ela será trabalhada, pois a criança, já vivenciou estas emoções no imaginário.

Ao iniciar no mundo da literatura, a criança procura nos livros sensações transmitidas pela oralidade. Portanto, a etapa da oralidade é fundamental para a literatura, contudo não encontrando essa emoção, é bem possível que o pequeno leitor não queira mais ler. A escola também pode ser responsável pela distância do leitor com a literatura, por estar ligada a uma proposta tradicional ao trabalhar esse componente curricular nas aulas.

As origens históricas da literatura infantil, no Brasil, estão relacionadas à utilização didática, questão até hoje indefinida, uma vez que nas escolas, o ensino da literatura tem sido realizado de forma mecânica, ação que pode ser resumida em abrir o livro, ler silenciosamente, responder às fichas de leitura, fazer um resumo e para a utilização do texto literário no ensino de gramática. Silva (1986, p.44) afirma que a crise da leitura no país está relacionada à desigualdade das classes sociais e as formas arbitrárias com que se trata desse assunto, afinal “se o ler for tomado como um ato libertador, como uma prática provocadora de consciência dos fatos sociais por parte do povo, então é interessante ao sistema dominante que as condições de produção da leitura sejam empobrecidas ao máximo (...)”.

Ensinar literatura nas escolas de primeiro grau implica levar o aluno a ler, a ter o prazer de ler – não o obrigar a ler. Se o estudante adquirir o gosto de ler durante o ensino fundamental,

o problema será muito maior quando estiver no ensino médio: ele lerá, quando muito – e por obrigação – apenas resumos e orelhas dos livros. Sem dúvida, a leitura recomendada no ensino fundamental não é atraente, pois não condiz com a realidade do aluno; normalmente são histórias com narrativas pobres, em uma linguagem comercial e do ponto de vista da arte, não acrescentam nada à literatura.

A literatura acaba sendo também o registro da realidade, tal característica enriquece a arte. Essas realidades são verdadeiras, outras imaginárias, tudo vai depender da intenção do autor e de como o leitor vai conseguir recriar. Na verdade, Araujo (2006, p. 48) ressalta que “a Literatura não se mensura, não se mede pela pragmática social. Ela é frequentemente tida como inútil socialmente. Mas é ela ainda que nos alimenta de sonhos e revelações, a que nos traduz no exercício da cidadania sem terceirizações”.

Ao fazer a leitura de histórias que dizem respeito aos próprios conhecimentos que vivencia a sociedade é que os sentidos do leitor vão se explicar, pois a polissemia de um texto de literatura anuncia o que se pode pensar sobre a possível necessidade de repensar a função da escola. Que profissional, cidadão ou consumidor a sociedade capitalista vem gerando? Segundo Paulino (1999, p. 12), “a formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações estéticas, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres”.

A arte literária existe enquanto está sendo lida e principalmente quando está sendo recriada pelo leitor. Um mesmo texto pode ser recriado de forma diferente, vai depender da visão de cada leitor, pode acontecer que a emoção que inspirou o autor não seja a mesma que o leitor sentiu ao ler e recriar a obra.

Então a leitura provoca emoções, dá referência, faz refletir, podendo mudar a maneira de pensar e até de agir do indivíduo. Ela é viagem pelo desconhecido, é aquisição de conhecimento, aprendizado e exercício de criatividade, é experiência adquirida que pode ser usada por toda a vida. Isso é literatura, e é isso que precisa ser enfatizado para os leitores em formação. Portanto, os leitores precisam ser provocados, para que tenham curiosidade em descobrir cada uma desses elementos e ir buscá-los nas páginas de um livro, ou de vários livros.

A maneira que se encontrou para ensinar literatura, dividindo-a em fases ou “escolas”, acaba fazendo-a parecer, para o aluno em fase de formação, uma coisa velha, ultrapassada, sem utilidade imediata. É comum confundir a literatura com história e fazer a produção literária parecer algo que é feito com base em receitas, como se fosse um bolo, sem originalidade, sem criatividade. Começar a abordagem da literatura com as características das “escolas”, quase

sempre tira o incentivo do aluno, pois se ele não gostar delas, não vai ter a mínima vontade de ler.

Há que se rever e reverter o estigma que as aulas de literatura têm de ser maçantes, desinteressantes, muitas vezes “tapa-buracos”. Para isso, é preciso ouvir os estudantes, os professores, os pais, os escritores, de maneira que apareçam ideias práticas e que ofereçam resultados, quais sejam o de incentivar o aluno a ler mais e estimular o prazer em fazê-lo.

Ao invés da obrigação da leitura de clássicos com vocabulário em desuso, por que não recomendar obras contemporâneas, que têm mais a ver com o tempo, espaço e realidade do leitor? Literatura é arte, por isso não pode ser tratada como uma disciplina estanque, precisa ser explorada como algo dinâmico e estimulante, algo que vai acrescentar subsídios para o crescimento do leitor. Também não é possível dar a conhecer uma obra lendo-se apenas trechos: um livro deve ser lido na íntegra. Se o leitor não puder conhecer a obra por inteiro, o estilo e as características do autor, como saber se gosta dela?

2.2 A literatura e o cotidiano escolar

A Literatura não faz parte do currículo do ensino fundamental como disciplina, que precisa ter nota, ela é uma ferramenta para trazer a ludicidade e incentivar a leitura. Contudo, ela infelizmente não é vista assim, uma vez que muitas vezes, nos espaços escolares a leitura é considerada como uma formação específica de conhecimento, que acaba sendo utilizada para avaliar o aluno.

Educadores estão sempre discutindo como utilizar os textos literários na sala de aula, questionando o verdadeiro valor da arte no currículo escolar, mas nada muda, a arte se restringe a fragmentos de textos extraídos de livros didáticos, os quais são tratados da forma mecânica e superficial, são apresentados normalmente em aulas expositivas, com abordagem cronológica, sem dar a devida importância que ela merece.

A literatura é comumente indicada para a leitura sem os devidos cuidados, com procedimentos prontos para o consumo e sem atrativos, utilizada para estudo de texto, que costuma ser fragmento de obras literárias, que estão dispostos nos livros didáticos com perguntas e respostas predeterminadas, ou leitura obrigatória indicada como desculpa para produção textual, para avaliação pré-elaborada, que contribuem mais e mais para a alienação no processo escolar. Aguiar (1988, p. 36) afirma que este “[...] modelo típico de aula de literatura tem raízes na tradição escolar que remontam à pedagogia jesuítica”.

Assim, pode-se entender o porquê da falta de intimidade com o texto literário, tanto por parte do aluno quanto do professor. Este último, por não refletir, em muitos momentos, sobre a natureza ficcional, poética e artística da literatura, acaba reproduzindo, sem saber, a ideologia burguesa, repetindo as informações do livro didático e dando demasiada importância histórica a literatura.

Cabe notar aqui que o contexto escolar não favorece a delimitação de objetivos específicos em relação a essa atividade. Nele a atividade de leitura é difusa, muitas vezes se constituindo apenas em um pretexto para cópias, resumos, análises sintáticas e outras tarefas do ensino de língua (KLEIMAN, 2004, p. 30).

A este propósito, professores, principalmente pertencentes à área de Língua Portuguesa, necessitam de um estudo mais profundo sobre a importância da literatura na escola e o papel dela na construção do conhecimento do homem, já que é por meio da leitura que o indivíduo adquire autonomia, e a escola tem participação fundamental para promover o reencontro do leitor com a obra de ficção. Certamente, a educação deve estar voltada para a autonomia, ética e valorização da diversidade cultural, conseqüentemente para a busca da identidade e formação de pessoas sensíveis e sábias.

É interessante entender que a arte literária trabalha com a palavra, no entanto o uso da palavra não é suficiente para produzir literatura. O texto literário vai além da intenção informativa ou de reflexão sobre a vida humana. Isso porque a obra literária permite que o jovem observe e analise a condição humana, por intermédio dos personagens da ficção, com seus sentimentos, conflitos, caráter e comportamentos. Elementos esses que levam o aluno a refletir sobre sua própria existência, possibilitando uma maior compreensão de si mesmo e do outro, além de desenvolver a sensibilidade e o gosto artístico do indivíduo, “ [...] pois a literatura como forma de expressão artística contribui para que o sentimento estético seja avivado. ” (VIEIRA, 1989, p. 26).

Cabe à escola, o desafio de formar um leitor que vai além do decifrar sinais, de repetições, do saber já construído, mas como exercício de cidadania que mobiliza seus conhecimentos prévios, saber preencher espaços vagos do texto, de modo que sejam extrapoladas as instruções do autor, construindo novos significados. Fazer da leitura um ato de construção de conhecimento, um processo de descobrimento, de criação e de recriação de novos conhecimentos.

Na Grécia, quando a literatura era sinônimo de poesia, assumiu caráter educativo. Com o tempo, foram incluídos novos gêneros: tragédia, drama, romance, gerando confusão terminológica, o que dificulta definir ao certo que é literatura. Já na Renascença, a literatura perde o seu caráter comunitário e passa a ser algo particular e íntimo. Na escola moderna, a

aprendizagem deixa de ser facultativa e se torna obrigatória, com isso o ensino passa a ser diferenciado em graus e níveis quando o aluno faz avaliações para passar de um estágio para outro.

No Brasil, na década de setenta, com a instituição no ensino tecnicista, cabia ao aluno ler apenas o suficiente para suprir as exigências do mercado de trabalho, os textos eram resumidos, os romances condensados para o vestibular, as provas de múltipla escolha correspondendo à ideologia da objetividade.

Se é verdade (é?) que cumpre à escola, como instituição, iniciar sua clientela nos valores e nas práticas culturais dominantes (valores e práticas, aliás, dos quais a escola não é o único agente, mas o mais privilegiado), então é sua função iniciar seus alunos nos protocolos de leitura segundo os quais certos textos são literários e outros não, e certos textos são mais literários e outros menos. Protocolos, como se vê responsáveis pelo que se poderia chamar de *educação do gosto* (LAJOLO, 2004, p. 95-96).

A relação escola, Língua portuguesa e literatura se iniciou no século XIX e até o momento, a literatura vem se desenvolvendo ao sabor da tradição, das mudanças educacionais e sociais, das tentativas de inovação pedagógica e do mundo editorial. O que tem prevalecido, até pouco tempo, é uma formação em literatura baseada nos cânones, que se inicia com Padre Vieira, passando por José de Alencar, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Jorge Amado e muitos outros, e vai até o final do Colégio, com o objetivo de construir um “livramento literário” apoiado em obras e autores que assegurassem o conhecimento da nossa história cultural. Só a partir da década de oitenta, com a entrada de outros autores consagrados, o trabalho da literatura na escola veio ganhar força e *status*, ainda insuficientes para ocupar seu devido lugar.

Entre os cânones consagrados, surge novos escritores, muitos deles voltados para a cultura atual, outros responsáveis pelas produções tipicamente escolares e comerciais. Fato é que surge daí uma literatura infanto-juvenil, produzida em forma de romance de enigma, de suspense, de terror, de aventura e de amor prontas para serem lidas. É até possível encontrar muitos exemplares desses romances nas bibliotecas das escolas, encontrar no PPP — Projeto Político Pedagógico da escola, projetos de leitura, mas que não são executados.

Ao considerar que um dos objetivos do ensino fundamental II é desenvolver e amadurecer o domínio da leitura, e sabendo que um dos maiores problemas enfrentados pela escola é o baixo rendimento escolar dos alunos, em relação à construção de conhecimento, e como consequência no desempenho da leitura, há a necessidade de um ensino mais específico, voltado ao incentivo dos alunos no interesse pela leitura, e é nesse contexto que a arte literária atua com competência.

Conquanto, a leitura literária nas escolas tem sido caracterizada com um movimento mecânico e sincronizado que consiste em abrir o livro, ler silenciosamente, responder às perguntas da ficha de leitura ou aquelas fornecidas pelo professor, desconsiderando os aspectos lúdicos, que deveriam conduzir o processo de amadurecimento da literatura, dando espaço ao caráter pedagógico, educativo, associando a arte a mecanismos de controle da criança. Isso vem comprometer justamente a formação do leitor, que acaba não encarando o livro como fonte de prazer, de entretenimento, afastando-se da leitura. Por isso, cabe à escola respeitar o papel da literatura como categoria artística, atrelada à essência libertária do ser humano.

[...] se o ensino literário na escola deixasse de ser visto nesses termos e passasse a ser considerado como *educação literária*, isto é, se passasse a ter como objetivo a formação de um leitor cada vez mais competente nesse terreno, o enfoque literário na escola poderia ser integrado basicamente ao âmbito da aprendizagem leitora (COLOMER, 2002, p. 72, grifos do autor).

A obra literária resiste ao tempo, vai registrando costumes, culturas de um determinado período, não se esgota como o texto noticiário, por isso, o acervo literário da escola não fica ultrapassada. A arte é perene e sempre tem algo a dizer ao homem, não importa de que período ele seja, tem a capacidade de tocar os corações, mediante analogias metafóricas, das metonímias, com um grau de subjetividade, que, o leitor ao entrar em contato com essa obra, acaba se encontrando, reconhecendo-se. De acordo com Brandão e Micheletti (2001),

[...] o discurso artístico implica, além da comunicação, um elevado grau de expressividade, um eu que se expõe e se dirige a um outro buscando uma resposta; assim sendo, a literatura cria a partir da realidade, experiência de um eu, um objeto verbal, visando dialogar com o espírito e a emoção de um outro (p. 23).

Mesmo que literatura não seja disciplina no ensino fundamental II, ela deve ser vista como atividade produtiva no sentido mais amplo dentro da escola, ou seja, é necessário que ela deixe de ser vista só como uma listagem de autores e obras com determinadas características a serem memorizadas. Afinal, a literatura, se trabalhada de forma mecânica, não permite aflorar a sensibilidade, não seduz, não apaixona, não conquista, portanto, não ensina. A escola é o espaço de alargar, conhecer e adentrar novos universos que possam dar outros significados à vida, construindo para que se compreenda a realidade de outras maneiras.

É certo que a leitura é importante na construção dos diversos conhecimentos, é o meio mais importante para a aquisição de saberes e um instrumento básico para o sistema educativo e se for associado ao prazer, o resultado é mais eficiente. Desse modo, é necessário motivar o cidadão por intermédio das linguagens artísticas, desde que elas estejam amparadas da compreensão do seu papel enquanto elemento formador do sujeito histórico. Diante disso, um dos requisitos básicos de qualquer atividade pedagógica é fazer com que a criança e o jovem

adquiram a capacidade de ler e que tenham acesso a todas as informações disponíveis, tanto nos meios impressos quanto nos digitais.

Ler ajuda no crescimento intelectual, psicológico e social do aluno, mas é preciso que esse ato traduza não somente na decodificação do código linguístico, mas também na elaboração de sistemas de referências e valores imprescindíveis para a formação e o desenvolvimento do espírito e da cultura do aluno. Normalmente, as leituras ocorridas em sala de aula são desinteressantes e pouco estimulantes, do ponto de vista intelectual, uma vez que visam somente aspectos gramaticais ou dados de caráter moral, no sentido de ensinar padrões de comportamento do aluno, sem preocupação com a organização específica da linguagem literária ou com a função poética dos textos.

Mas o que se percebe normalmente, é que não há interação entre o leitor e o texto literário, por não entender que esta é uma linguagem artística, e que muitas vezes tem um vocabulário rebuscado, de outro século, representando uma outra geração. Assim, quando esses aspectos não são considerados, o trabalho com a literatura ao invés de ajudar o aluno, acaba criando um distanciamento em relação a ela. Nesse sentido, o estudo fica somente no ato do professor fazer a interpretação para o aluno e deixando de existir o diálogo com o texto.

O interessante é que a arte para alunos, nesse período escola, tenha um enredo que atraia e uma linguagem acessível, para que se possa facilitar a recuperação do prazer pela leitura, com isso, passa a haver uma desobrigação de memorizar, catalogar e reproduzir informações, abre-se novas possibilidades para o ensino da literatura. A partir do momento em que o aluno faz uma leitura prazerosa, fica muito mais fácil do professor trabalhar o estético do texto. Estético este, que requer do aluno, além do conhecimento específico sobre a obra, uma atividade intensa de leitura capaz de fazê-lo perceber e compreender os matizes de significação textual, bem como de estruturação literária.

2.3 Leitura literária

A leitura do texto literário vai muito além de somente codificar símbolos, é necessário que tenha habilidade para compreender e dar significados ao que está lendo, mesmo porque, o texto traz uma fusão entre linguagens verbal, visual e simbólica que permite que o aluno estabelecer contato com diferentes signos, bem como vivenciar a compreensão dos diferentes sentidos possíveis no texto. Quando o aluno faz essa leitura, ele explora todo o universo linguístico, que é lúdico, enigmático, próprio da linguagem literária. Neste sentido, Cosson (2012) afirma que o

[...] letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração de existência da escrita literária, o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio (p. 12).

Isso mostra a importância que esse tipo de leitura tem para a formação do indivíduo, pois ela tem o poder de despertar o desejo de explorar a própria subjetividade e tudo que está no entorno do indivíduo. Tal formulação permite que se vivencie experiências diversas e ainda se aperfeiçoe a linguagem. Segundo Cosson (2012),

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor (p. 17).

A escola precisa ter objetivos próprios para a leitura de obras literárias, para tanto, é preciso que se desprenda da leitura somente com o objetivo de passar conteúdo ou atender à história da literatura. É interessante que se passe para o aluno leituras que possibilitem compartilhar experiências, como foco na leitura. A depender o texto, é indispensável que sejam passadas informações específicas que ajudem no entendimento, dessa forma, a leitura passa a ser prazerosa e de fácil entendimento.

Quando o professor buscar promover o letramento literário, é necessário que ele dê instrução a seu aluno para que ele não fique somente na simples leitura, mas sim, que o leitor entenda a linguagem, aprenda a ler por entre as linhas, compreender o que está implícito e explícito no texto, para que ele explore a leitura de forma adequada. Cosson (2012, p. 27) põe em relevo que “ler implica troca de sentido não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço”.

O ato de ler, permite fazer uma ligação entre o mundo do leitor e o do livro, o sentido da leitura acontece justamente quando existe essa interação. A linguagem enigmática, constante na literatura, auxilia o educador a conduzir o aluno a construir um novo ponto de vista das percepções de objeto, espaço e tempo. Por exemplo, ao estimular a percepção dos detalhes das imagens nos livros, leva-se à construção de um novo objeto, pois o leitor passa a construir uma nova imagem mental. Ainda durante a leitura, o processo de análise ativa, de busca do conteúdo do texto, de confronto entre seus elementos, de percepção estimulada, permite ao leitor superar alguns bloqueios característicos do pensamento concreto, conduzindo-o a estabelecer relações, tirar conclusões e construir pensamentos abstratos. Kleiman (1999, p.65) ressalta que: “Mediante a leitura, estabelece-se uma relação entre leitor e autor que tem sido definida como

de responsabilidade mútua, pois ambos têm a zelar para que os pontos de contato sejam mantidos, apesar das divergências possíveis em opiniões e objetivos”.

O leitor precisa partir para a leitura entendendo que as ideias que estão no texto não são inalteráveis, que o pensamento do autor não é uma verdade absoluta que não possa ser negada, que o momento da leitura, é também um momento de troca de conhecimento, de confronto. Dessa forma, a leitura passa a fazer sentido, esse é um dos papéis do professor, isto é, formar leitores capazes de experimentarem tudo que a leitura possa promover e aproximar a arte literária da vida do aluno.

O ato de ler é complexo e envolve apreensão, apropriação e transformação de significados, que amparado em um documento escrito deve ser gerador de novas experiências para o indivíduo, ou seja, é apropriar-se do ato de existir por meio da crítica aplicada às obras do escritor, confrontar significados desvelados e participar da busca de uma verdade.

Kleiman (1999) diz que, a partir do momento que o educando ler somente para realizar uma atividade de escola sem ter um significado ou sentido na leitura, essa perde o real valor e não ocorre aprendizagem. Mesmo que o professor indique leituras e que desenvolva objetivos para ela, não pode deixar de estimular o aluno a buscar também seus próprios objetivos mediante a elaboração de estratégias que vão ajudar no entendimento do texto.

Uma prática bastante satisfatória, é quando a escola usa experiências democráticas no momento de escolha do texto literário, dando oportunidade ao leitor de ler algo que realmente se interessa e com base nesse processo ele seja capaz de tomar gosto pela leitura. Dessa forma, o ato de ler vai contribuir para que o aluno adquira esse hábito por prazer. Cosson (2012) afirma que:

Para tanto, é necessário que o ensino da Literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno. Nesse caso, é importante ressaltar que tanto a seleção das obras quanto as práticas de sala de aula devem acompanhar este movimento (p. 47-48).

O que normalmente acontece, é que o professor sempre espera do aluno uma resposta pronta do que leu e não valoriza a interpretação que ele fez. O que se deve fazer é discutir, questionar, confrontar as diversas interpretações e chegar a uma ideia coerente do texto, sem menosprezar a releitura feita pelo aluno. Não se pode aprisionar a arte literária em provas, notas, caso ocorra dessa forma, o que vai haver é um afastamento do aluno. Se a avaliação for realmente necessária, ela deve ter um caráter de registros para acompanhar o desempenho, de

grau de dificuldades, se o aluno tem objetivos, se consegue ser e entender o que está implícito. Cosson (2012) afirma ainda que:

A avaliação não pode ser um instrumento de imposição da interpretação do professor, antes deve ser um espaço de negociação de interpretações diferentes. São essas negociações que conduzem à ultrapassagem das impressões iniciais individuais e configuram o coletivo da comunidade de leitores (p. 115).

Na visão de Cosson (2012), é necessário que a escola seja um elo entre o aluno e a arte literária, propiciando um ambiente de incentivo a uma leitura com significado, para que possa formar leitores críticos, que dialoguem com a leitura, que veja na arte um caminho para o conhecimento, o entretenimento e o lazer.

A leitura facilita o posicionamento do homem numa condição especial. Assim, ela se trona um tipo específico de comunicação, ou seja, uma forma de encontro entre o homem e a realidade sociocultural. Para que haja uma mudança nesses valores, deve haver uma contribuição das autoridades, comunidade escolar, pais e pedagogos, no sentido de convencer os indivíduos acerca da importância da leitura na vida do homem.

Diante dessa concepção de leitura, há uma maior preocupação com o texto literário, pois ele é ainda mais lacunar e aberto à participação do leitor, uma vez que traz em seu discurso a vivência íntima e profunda dos escritores, de um momento histórico e, muitas vezes, isso é desrespeitado, ou até mesmo nem trabalhado com o aluno. O texto literário é um elo entre o homem e o mundo, desperta as fantasias, desencadeia emoções, produz conhecimento. É a arte representando a realidade.

Não há nenhuma definição de arte que seja acabada ou definitiva. Isto revela que a convivência com a criação e com o conhecimento artístico é uma experiência sem fim. Desse modo, quanto mais indagamos e identificamos a singularidade da arte, mais questionamos a natureza da criação. Acontece que a arte, tentando sempre fisgar o que há de mais relevante na realidade, parece seguir o próprio curso da vida, no que ela tem de múltiplo e variável, transitório e absoluto, imediato e universal.

2.4 O trabalho do professor com a literatura

Todo professor deve ser compreendido como leitor. Lê-se para instruir, informar, formar, lê-se para distrair, passar o tempo, porque gosta, para atuar profissionalmente, para descobrir, estudar, apreciar, discutir, reinventar, desfrutar, negociar, mesmo que seja negar ou aceitar as manifestações culturais de um povo.

O professor que tem familiaridade com os livros e gosta de ler pode desempenhar um papel muito importante junto aos jovens da escola e da comunidade. Afinal, um leitor apaixonado é capaz de motivar e contagiar os outros com a paixão de ler, tanto pelo que está lendo, quanto pelo que já leu ao longo da vida.

Além do entusiasmo, o professor deve planejar de tal modo que possibilite ao aluno o prazer pela leitura, entendendo que o livro possibilita o desenvolvimento cultural como um todo. Isso se dá porque a literatura tem a capacidade de aproximar o lazer com o conhecimento, a história com a experiência de cada um, sem contar que emociona e cria uma inquietação no indivíduo para novas descobertas. Segundo Silva (2002),

Quem se dispõe a entrar numa sala de aula para ensinar tem que saber satisfatoriamente aquilo que ensina, tem que dominar os conteúdos e suas disciplinas, para orientar a leitura, o professor tem que ser leitor, com paixão por determinados textos ou autores e ódio por outros (p. 14).

É preciso entender que a literatura não é matéria escolar, é matéria de vida. A boa literatura problematiza o mundo, tornando-o opaco e incitando à reflexão. É um desafio à sensibilidade e à inteligência do leitor, que assim se enriquece a cada leitura. A literatura não tem a pretensão de oferecer modelos de comportamento nem receitas de felicidade, ao contrário, provoca o leitor, estimula-o a tomar posição diante de certas questões vitais, propicia a percepção de diferentes aspectos da realidade. Ela dá forma a experiências e a situações que, muitas vezes, são desconcertantes para o jovem leitor, ao ajudá-lo a se situar no mundo e a refletir sobre seu próprio comportamento.

Sendo assim, o professor deve estimular e criar condições para que o aluno enxergue a leitura como o recurso para a aprendizagem, para o prazer. Segundo Antunes (2001),

[...] caberia ao professor um papel radicalmente diferente do que anteriormente exercia: de agente transformador de informações em selecionador dessas informações, seu decodificador, mostrando como descobri-las e selecioná-las e de que maneira transformá-las em saberes (p.12).

O professor precisa ter em mente que o ensino de literatura, conforme os parâmetros curriculares, só passa a ser parte do currículo do aluno a partir do 2º grau, quando se estuda a época em que a arte foi criada, característica da escrita, estuda-se também a vida do autor, o que o influenciou. Nesse caso, além de ler para lazer, também se estuda a obra. A literatura perde a sua forma original, pois esta tem como objetivo principal as provas de vestibular. Portanto, mesmo pertencendo à grade curricular, essa literatura não incentiva a leitura, uma vez que o indivíduo fica atrelado a um conceito prévio e de que obra deve obedecer a concepções épicas, levando o leitor a valorizar uma leitura mecânica, embora o ensino de literatura espere isso dos adeptos.

Por outro lado, no primeiro grau, a literatura deve levar o aluno a ter o prazer de ler e não se tornar algo que é feito por obrigação, pois a leitura está associada à realidade possível e imaginada, a depender do que o leitor conseguir recriar. Aliás, o professor precisa ter em mente que a obra literária só existe se o leitor puder recriá-la com o seu conhecimento de mundo, por meio das emoções, das referências, das reflexões, do modo de ser e de agir. O fato de dividir a literatura em “escolas literárias” nos dá a ideia de que ela é algo ultrapassado.

Entretanto, não significa que o professor não deva planejar a leitura e criar um momento que favoreça o conhecimento e que tenha objetivos, pois além de se divertir com o enredo, a literatura é carregada de uma memória de um povo e que vai passando de geração em geração por meio de releituras, seja individual, a que procede solitariamente, ou com fins coletivos em que o leitor usa sua leitura para confeccionar um novo discurso artístico. Sabe-se que cada leitor faz a sua própria interpretação de leitura e escolhe o que lhe parece importante baseado no conhecimento prévio do texto.

Neste caso, o professor deve mostrar um sentido mais amplo do texto, fazendo uma leitura crítica, por meio da qual o aluno possa vivenciar seu cotidiano, caso contrário, a literatura não estará cumprindo a sua função na formação do indivíduo. Lerner (2005) evidencia que

O necessário é fazer da escola uma comunidade de leitores que recorrem aos textos buscando respostas para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo que é objeto de suas preocupações [...] (p. 17).

Não saber diferenciar literatura-informação e literatura-arte é uma das grandes dificuldades que o professor tem encontrado para ensinar literatura, sobretudo, no que se refere à obra literária. É preciso salientar que, enquanto leitura de informação, o texto tem função denotativa, com o objetivo de esperar que os alunos o entendam como informação. No que diz respeito à leitura arte, há múltiplas possibilidades de interpretações, proporcionando uma sensação de prazer e emoção no leitor.

O autor expressa uma preocupação com a beleza das palavras, usa-a com liberdade e beleza, utilizando-se do sentido conotativo ou metafórico. É certo que o artista busca a instrução, porém de forma diferente, isto é, o texto literário procura unir a estética a essa necessidade que toda obra exige. Definir a literatura seria limitá-la dentro do que já conhecemos, mas o que sabemos é que a arte literária é tratada pela sociedade como informação. Esse tratamento se estende à escola quando traçamos objetivos e estratégias da mesma forma que se faz com as outras disciplinas.

Isso remete ao ensino tradicional, que ainda é uma constante nas salas de aula. É responsabilidade do educador romper com a barreira do tempo e dar um salto à modernidade.

Isso não obriga o docente a atuar desta ou daquela maneira, mas pressupõe que ele mesmo encontre o seu modo de ensinar, que reflita sobre sua ação e, principalmente, na consequência de seus atos. Se o ensino tradicional da literatura se mostra inadequado, cabe ao professor encontrar meios de atingir seus objetivos sem desconsiderar que a literatura é arte, e como tal, não comporta regras rígidas. Com a arte se educa para a sensibilidade, para a reflexão crítica, para a vida.

Naturalmente, a literatura no ensino fundamental não pode ser vista como uma disciplina a ser aprendida, pois não se mede a literatura mediante objetivos e atividades impostas pelo professor, não é possível impor que o aluno goste ou não de determinada leitura, quanto tempo precisa para assimilar a narrativa, se a história está ou não sendo lida com prazer. Sabe-se que cada leitor faz a sua própria interpretação de leitura e escolhe o que lhe parece importante baseado no conhecimento prévio do texto e no que esse conhecimento pode acrescentar à própria leitura.

Um dos objetivos da literatura é proporcionar ao leitor uma forma de lazer. A grande maioria das pessoas lê poemas e romances por prazer, como forma de descontração. E a escola, como instituição valoriza somente o aspecto do conhecimento da literatura, o outro, relativo à emoção, a satisfação, não é considerado. É evidente que não existe um equilíbrio entre os dois aspectos. O que nos leva a pensar que o ensino de literatura, quando estudado na escola, sofre desfiguração no que se refere aos seus objetivos. Com efeito, o pouco que o aluno vê de literatura é de forma imposta e sem nenhum estímulo para a leitura prazerosa. De acordo com o que postula Vieira (1989, p. 28) “parece-nos extremamente necessário que haja entre os professores um questionamento mais crítico em relação às metas do ensino de literatura, para que o estudo de obras literárias não sirva, apenas, de pretexto para a transmissão de valores”.

Ao trabalhar a prática da leitura em sala de aula, os professores levam consigo suas crenças como a decodificação e a estrutura da língua, o controle em relação ao modo como o aluno lê, a leitura como atividade secundária, a compreensão do texto segundo o “pensamento” do autor e a visita à biblioteca.

A reflexão sobre tais crenças permite tentar compreender o processo intelectual da criança no desenvolvimento da leitura, bem como as dificuldades que elas encontram nesse processo. No que se refere à decodificação, a criança se preocupa mais em ler as palavras corretamente do que compreender o sentido que elas carregam. Não significa que ter conhecimento das palavras escritas seja menos importante, entretanto, quando essas palavras são significativas dentro de um contexto, pode-se lê-las mais rapidamente.

Quanto à leitura de forma controlada, ou seja, a leitura em voz alta ou silenciosa, o professor tem como objetivo avaliar a postura da criança, como saber se o educando sabe ou não ler. É sabido que a ansiedade atrapalha o desempenho na leitura que leva o leitor a cometer erros. O ato de ler não pode ser obrigatório, tornando-se apenas um ato mecânico e sem vontade, condição que não se resolve os problemas relacionados à leitura. A leitura em voz alta é sempre mais difícil que a leitura silenciosa porque acrescenta a dificuldade em encontrar sentido no texto.

No que diz respeito à leitura como atividade secundária, mesmo que se valorize a leitura como uma prioridade, fica entendido que esta só se realizará se houver a materialização do que foi lido em atividades posteriores a ela, o que significa formas sutis de forçar a leitura. Essa tática reforça a crença de que os textos literários são fechados e leva os alunos a acreditarem que a leitura se resume a uma proposta de interpretação ou compreensão em que se pode fazer apenas o que se pede e que, ao ler este ou aquele texto, seja-lhe negado o direito de agregar saberes anteriores.

A biblioteca escolar representa um elemento fundamental da escola, muito embora, em muitos casos, a escola ofereça meios atrativos para a comunidade escolar, pois a prática de leituras que acontece no seu interior não corresponde à ideia de liberdade com o livro. Isso porque, muitos professores passam quase todo o período de escolaridade sem que a escola lhes imponha a leitura de livros, ou mesmo de outros gêneros textuais e poucas são as lembranças relativas à frequência de bibliotecas.

A leitura literária escrita para crianças, jovens e adultas constitui uma base cultural comum a todos, mas ainda continua sendo desigual, mesmo nas instituições de ensino em que a sociedade se encarregou de propagá-la. A literatura quando não está ausente tem pouca visibilidade nas escolas, mesmo sabendo que ela, de um modo geral, e especificamente a leitura literária, ultrapassa os limites dessa instituição e abrange os outros ambientes onde acontecem as relações socioculturais.

Mesmo sabendo que o gosto pela literatura se dá também por meio do exemplo dos familiares, é na escola que se concentra a influência literária, ou seja, a literatura ganha *status* de disciplina e a leitura se torna obrigatória. Daí a importância da relação entre escola e literatura em não a tornar uma disciplina a ser ensinada. O texto literário ou o livro literário merecem tratamento especial para preservar o encanto e a liberdade fundamentais à boa literatura. Cabe ao professor incutir no aluno a literatura como forma de descoberta do indivíduo, nas relações de recreação e de recriação possíveis entre ele e a obra, deixando-o livre para aventurar-se nos caminhos da arte.

A escola que verdadeiramente se preocupa com o ser humano vem desenvolvendo iniciativas com esforço próprio, incentivando espaços que levam a repensar a escola como um referencial interessante. No caso da leitura, esta só pode ser concebida no lugar em que ela se faz crítica, criativa e criadora para produzir novos pensamentos. E esse lugar é o da literatura.

Para que a leitura de textos literários seja eficiente na escola, é preciso que ela tenha à sua disposição uma biblioteca atualizada, professores leitores e com planos que valorizem a literatura e uma boa interação entre aluno e professor considerando a natureza da literatura. Pode-se afirmar que, se o professor está comprometido com uma proposta transformadora de educação, ele encontra no material didático o recurso mais favorável à aprendizagem. Silva (2002) afirma que:

Dentre os pré-requisitos aqui apresentados para o ensino e a dinamização da leitura escolar, o trabalho do professor merece maior atenção. Isso porque, sem um professor que, além de se posicionar como um leitor assíduo, crítico e competente, entenda realmente a complexidade do ato de ler, as demais condições para a produção da leitura perderão em validade, potência e efeito (p. 22).

Apesar disso, é comum que o professor carregue consigo as marcas de um ensino opressor que o transformou em não-leitor trazendo implicações sérias nesse processo de formação leitora, colocando em prática uma didática ultrapassada. Nesse sentido, é preciso dar lugar a professores que realmente conheçam e dominem os assuntos a serem ensinados ou, então, procurar cursos e se atualizar. Silva (2009) cita que

Ana Maria Machado, em um texto de reflexão sobre esse tema, diz ser inconcebível que alguém que não saiba nadar seja instrutor de natação, porém inúmeros professores que não são leitores tentam inculcar, sem sucesso, em seus alunos o gosto pela leitura. A propaganda que fazem da leitura soa falsa, pois eles próprios não acreditam nela, e os alunos percebem a incoerência. Portanto, o problema está mais atrás, está na formação leitora dos professores, que, mesmo tarde, precisa ser de alguma forma recuperada (p. 28).

O professor de literatura precisa ser, em primeiro lugar, um investigador de literatura e um profundo conhecedor dos mecanismos da língua, os quais são fundamentais para compreensão do texto literário. Em segundo lugar, é preciso conhecer os anseios, os gostos e as necessidades de seu aluno. Afinal, não é possível ensinar com rigor científico e segurança aquilo que não passou por um planejamento anterior que vise uma transformação reflexiva.

O ensino defasado de literatura se sustenta, não apenas pela falta de domínio do conhecimento do professor, mas também pela falta de uma proposta metodológica que o oriente. As sugestões de trabalho são pouco originais, pois todas propõem praticamente os mesmos tipos de atividades e exercícios que se fecham nos limites da escola, sem intercâmbio com a comunidade, que torna as aulas desvinculadas do real.

Convencionou-se afirmar que quanto menor a carga horária de uma determinada disciplina, menor é a sua importância acadêmica. No ensino médio, a literatura ocupa duas aulas semanais. No ensino fundamental e nas escolas públicas não se encontra a docência de literatura, esta está subordinada aos estudos de língua portuguesa. É óbvio que a relação entre as duas é necessária, mas é fundamental que as duas possam ser desenvolvidas nas suas competências e particularidades. Educar pela literatura requer transdisciplinaridade entre os estudos da língua, da arte e da sociedade. Evangelista, Brandão e Machado (2011) afirmam que:

Em outras palavras, professores de Português temos nos debatido com esse pressuposto da dificuldade de trabalhar textos literários na escola, de promover a leitura de livros, de contribuir para que os alunos se tornem leitores voluntários e autônomos, acrescentando-se o fato de que a necessidade escolar de avaliação de leitura tem se transformado em cobrança, com todas as ameaças que esta traz e, por isso mesmo, em vez de aproximação e identificação, tais práticas têm causado repulsa ao objeto, desgosto no ato de ler e afastamento das práticas sociais de leitura próprias do contexto de leitores (p. 11).

Diante disso, mais uma vez, as escolas devem se despir dos preconceitos sistematizados e criar condições efetivas na formação de leitores para que os alunos possam ir experimentando todas as práticas de leitura reconhecidas ou não, distinguir os contextos e as finalidades, adequem-se, analisem e compreendam os diferentes resultados que podem assimilar, inclusive suas limitações.

A literatura deve servir de base para novas experiências de prática de leitura. Apesar disso, ela é consagrada de forma preconceituosa quando só os clássicos são configurados como literatura de qualidade e autossuficiente. Neste caso, é tirada a possibilidade de o aluno adquirir critérios de apreciação da literatura e, conseqüentemente, compreender porque razão, esse autor e essa obra é mais relevante que outra. Quando um professor age de tal forma, leva seu aluno a reproduzir o que ouviram ou leram, apoiando-se em modelos especializados da leitura dos textos literários, porém inadequados às finalidades de uma formação não especializada, como deveria ser no ensino fundamental e médio.

Como o prazer pela leitura é descoberto pela criança bem antes de aprender a ler, essa expectativa é bem maior para o professor. Na escola, a leitura tem como função a informação e a recreação. Para tanto, a qualidade do material relacionado é decisiva no momento de ingressar o aluno no mundo da leitura. É importante que o texto literário integre o homem a sociedade, que proporcione uma crítica e uma identificação significativa com o mundo do leitor. Assim, é fundamental que o desempenho linguístico e o vocabulário do leitor estejam adequados às capacidades do leitor, com narrações lineares e dinâmicas, que preparem o aluno para leituras mais complexas.

Ao se aceitar a ideia de que a literatura é uma forma particular de conhecimento da realidade, uma maneira de ver o real, nota-se que ela pode ajudar enormemente o professor nessa tarefa educacional, por ser uma excelente porta de entrada para a reflexão sobre aspectos importantes do comportamento humano e da vida em sociedade, e ainda permite o diálogo com outras áreas do conhecimento.

Muitas vezes, o texto literário é tratado como se fosse um material didático, pelo simples fato de fazer parte das atividades da sala de aula, ele não é um texto didático, não tem uma resposta, não tem um significado que possa ser considerado correto, pode ter várias interpretações, a depender das experiências e maturidade do aluno, considerando que a literatura desafia cada leitor de forma diferente.

Não se deve planejar a leitura literária como se se a obra tivesse apenas um sentido, uma única interpretação, sem a releitura do leitor, a leitura perde o sentido, passa a ser uma mera reprodução. Cabe ao professor, portanto, a tarefa de criar na sala de aula as condições para o desenvolvimento de atividades que possibilitam a cada aluno dialogar com o texto, interrogá-lo, explorá-lo.

As atividades literárias não precisam ser realizadas somente individualmente, o professor pode planejar para o grupo, promovendo debates, troca de opiniões, tudo de uma forma livre para que todos possam expor sua interpretação sobre a obra. Diante disso, a escola deve ter como uma das grandes metas a iniciação literária, com o objetivo de desenvolver a capacidade de leitura do aluno, para que ele alcance uma maturidade para ser um leitor crítico, participativo.

Não devem faltar os projetos da escola, aqueles voltados para a leitura literária, possibilitando ao aluno conhecer grandes escritores, tanto contemporâneos como de outras épocas, propondo análises para compreender o texto em seu contexto, enriquecer o vocabulário e melhorar a escrita. Dessa forma, é possível perceber o quanto a literatura contribui para a aprendizagem, além do mais, ela situa o aluno no mundo e o ajuda a refletir sobre a própria humanidade.

O estímulo à leitura é uma preocupação constante, principalmente no cotidiano escolar, por ser esta responsável pelo desenvolvimento das habilidades de leitura. Ao valorizar a leitura, a escola está incluindo o indivíduo numa cultura letrada, por isso, fazer parte dessa cultura significa ir além da decodificação da palavra, ou seja, atribuir sentido a essa palavra. Esse processo possibilita também compreender e analisar criticamente as informações que lhes chegam e, assim, oferecer melhor condição no mercado profissional e exercer a cidadania.

Tais habilidades não são utilizadas apenas no meio intelectual. Mesmo em setores que os recursos humanos não necessitam de níveis de escolarização relativamente baixos, quem tem alguma habilidade de leitura possui um diferencial. Isto significa que, mesmo o mercado de trabalho passou a valorizar mais aqueles que desenvolveram habilidades cognitivas, uma vez que a literatura, mesmo em níveis mais baixos torna o desempenho do indivíduo mais dinâmico, ativo e capaz de fazer deduções lógicas.

Portanto, não é sem cabimento quando o professor atribui o fracasso escolar do aluno em sua disciplina ao fato de “não saber ler”. Pesquisas mostram que quanto mais os alunos avançam na escolaridade, menos é a sua ligação com a leitura. Então surge mais um questionamento. Por que o aluno vai abandonando a leitura ao longo da sua vida escolar?

Pesquisadores que estão envolvidos no processo de leitura na escola vêm fazendo estudos e facilitando o ensino literário nas salas de aula. A substituição dos velhos textos, auxílio aos professores desatualizados, distribuição de títulos literários por faixa etária, introdução de obras que as escolas públicas não teriam como adquirir, autores modernos que introduzem assuntos mais próximos do cotidiano do aluno são algumas dessas iniciativas.

Entretanto, o que precisa mesmo ser mudado é a escola, que continua mantendo os mesmos vínculos do passado. O professor não lê; a biblioteca é lugar sagrado, onde a visita se dá com hora marcada, sob vigilância e não se pode tocar nos livros; a leitura é obrigatória. Isto significa que, o professor precisa ser incluído nos programas de leitura, deixando de adotar uma postura passiva e ausente, que se torne um exemplo para o leitor iniciante. Portanto, é necessário que a biblioteca esteja aberta e preparada para as descobertas de novas possibilidades de leitura.

Os temas transversais, em nossos tempos, na escola, estão associados aos valores da educação, revelam uma tensão permanente entre os valores reais e proclamados entre formação e informação nessa dicotomia escolar. Como não é difícil unir esse jogo de oposição, resta a informação que é produzida para ser consumida sem críticas, já que o espaço e o seu acesso pertencem a poucos. Quanto ao aluno dessa escola, resta crer em suas verdades e aprender passivamente o que lhe for oferecido. Assim, todos vão se afastando dos valores fundamentais à construção do ser humano, já que a razão bastava. Araujo (2006) ressalta que:

os encontros de leitura são agregações humanísticas que estimulam a descoberta de emoções e sentimentos provocados pelo ato de ler, possibilitando aflorar memórias individuais de sensível riqueza. São trocas afetivas, de permuta de sensações e experiências, na forma de palestras, depoimentos, oficinas, contação de histórias, contos e cantos para embalar todas as idades (p. 38).

Dado o exposto, é indispensável que se construa uma relação de efetividade, permeada por memórias e descobertas que possibilitem uma melhor compreensão do mundo, assim como

do próprio indivíduo. Essa perspectiva possibilitará a construção de uma relação marcada pela troca que, à medida que ela se aprofunda o leitor vai se tornando cada vez mais autônomo.

2.5 Concepção de leitura

Ler é uma das atividades mais ricas e completas que se tem, pois envolve conhecimentos linguísticos, exige que o aluno tenha conhecimentos gramaticais para juntar palavras, entender sobre fonemas, morfemas para chegar ao entendimento do texto. No momento da leitura, o leitor fica conectado com o outro, com as ideias do autor, uma vez que ele passa a ser um ouvinte/leitor.

A leitura é algo presente na escola, seja ela literária ou não, é uma ferramenta para se chegar ao conhecimento. Quando o aluno está lendo, ele utiliza todo o seu conhecimento adquirido com suas experiências, que são utilizadas para confrontar ou dialogar com o pensamento do texto. Nesse momento, as ideias tanto do texto como a do leitor se misturam e criam um novo conhecimento, por isso costuma se dizer que a leitura é algo particular, pois depende de seu conhecimento prévio.

Fica evidente que a leitura é caminho para se chegar ao conhecimento e uma maneira de interagir com o que está ao seu redor, visto que ao ler, abre-se novos horizontes, o indivíduo ultrapassa fronteiras e chega a lugares diferentes e dialoga com pessoas sem estar na presença. A escola tem consciência disso, pelo menos na teoria, sobretudo no que tange à formação de leitor. Nesse sentido, Cascavel (2007, p. 144) ressalta que, no Currículo Básico do ensino Fundamental, “Ler não significa apenas a aquisição de um “instrumento” para a futura obtenção de conhecimentos, mas uma forma de pensamento, um processo de produção do saber, um meio de interação social com o mundo.

A leitura tem a capacidade de transportar o leitor para outro lugar, desde o momento que ele participa do significado do texto, quando o confronta com o seu saber, quando muda o olhar que tem do mundo diante da leitura feita. Para Bakhtin (2003, p. 323) “as relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam se confrontados em um plano de sentido, acabam em relação dialógica”.

Essa visão de leitura como uma variante interacionista e que está de acordo com a psicologia cognitiva, com a sociolinguística e com a psicolinguística aparece nos PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais, cuja perspectiva dá autonomia ao leitor para agir sobre o texto e o autor. Conforme o referido documento,

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre linguagem, etc. [...] Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência [...] (BRASIL, 1997, p. 69).

Independentemente do contexto escolar, a leitura passa a ser necessária no dia a dia para realizar algumas tarefas, como ler e-mail, bulas, receitas, propaganda, notícias, poemas, romances e muitas outras, e todas essas leituras fazem com que o indivíduo interaja com seu meio. É lendo que se encontra a resposta ou aquilo que se procura em situações cotidianas ou mesmo em atividades escolares.

É necessário saber que, para concretizar a leitura é preciso entender o que está lendo, é saber dá sentido, adquirir conhecimento e não simplesmente decodificar símbolos. Isso é muito comum na escola, existe aluno que decodificam os vocábulos, entretanto não os entende, não sabe se posicionar diante do que foi lido, não entende o contexto, provavelmente tem conhecimento de mundo muito restrito. Segundo os autores Rangel e Rojo (2010):

Na leitura, não age apenas decodificando, isto é, juntando letras, sílabas, palavras, frases, porque ler é muito mais do que apenas decodificar. Ler é atribuir sentidos. E, ao compreender o texto como um todo coerente, o leitor pode ser capaz de refletir sobre ele, de criticá-lo, de saber como usá-lo em sua vida (p. 86).

Se o aluno leu e não entendeu, a leitura não teve significado, e se não teve sentido, automaticamente, ele não vai ter palavras para expressar suas ideias, por isso que o professor precisa conhecer a realidade da sua classe, indicar leituras de acordo com a faixa etária, montar estratégias capazes de ajudar seu aluno a adquirir capacidade de ler.

Diante disso, quando o professor for planejar sua aula que envolve leitura, precisa criar condições que façam com que o aluno crie objetivos próprios de leitura, desperte a curiosidade para ir buscar respostas, enfim, entenda que o momento da leitura pode ser prazeroso e de muita aprendizagem.

2.6 O prazer de ler

“A literatura é o encontro de dois mundos... A literatura destinada aos mais jovens é a conversa entre dois mundos: o mundo adulto e o mundo da criança. É uma longa distância” (YUNES, 2002, p. 159). O escritor se preocupa com a construção da literatura, pois ele interfere diretamente no desenvolvimento da criança. Criança e arte têm pontos em comuns, a liberdade, a espontaneidade, a fantasia e a inventividade, portanto, transformar a literatura em instrumento pedagógico é transformá-la em um bem menor, pois a literatura exige do leitor mudanças,

porque a literatura é composta por palavras e as palavras têm diferentes pesos para cada pessoa. O escritor deve escrever para que o leitor tenha liberdade para fantasiar ou então serão como os organizadores que os doutrinam, já que a literatura traz elementos do velho e do novo mundo, do mundo jovem e do mundo adulto. Porém, toda obra de arte, assim como a literatura, é contemporânea e aproxima todos os homens.

No ambiente familiar, a presença do material literário, em muitos casos, é escassa. Mesmo nas classes sociais mais altas, quando muito há, tem-se a presença de textos práticos sobre atualidades, revistas em quadrinho ou a televisão substituindo a literatura. Ao manusear o livro, como um outro objeto qualquer, o leitor terá maior intimidade com a leitura. Dessa forma, justifica-se parte da rejeição que o leitor tem em relação à leitura.

Para ler é preciso estar acordado. É preciso folhear o livro para descobrir o quanto é prazeroso o folhear do livro. No entanto, poucos têm acesso a “essa cultura”, seja por falta de hábito, seja pelo fator financeiro. Imaginemos um país onde não se vendessem livros, mas que eles estivessem ao alcance de todos, imaginemos um local onde as pessoas fariam encontros de leitura, e nesses encontros entenderiam e criariam um mundo mais justo e fascinante.

A literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação, nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um (LAJOLO, 2001, p. 45).

A riqueza polissêmica da literatura é um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre com os outros textos. Daí provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais e intensamente a consciência do leitor, sem obrigá-lo a manter-se nas amarras do cotidiano. A obra literária acaba por fornecer ao leitor um universo muito mais carregado de informações, porque o leva a participar ativamente da construção dessas, com isso, forçando-o a reexaminar a sua própria visão da realidade concreta.

Segundo Zilberman (2003, p. 16), a sala de aula deveria ser “um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um importante setor para intercâmbio da cultura literária”. Daí a importância de a escola selecionar obras emancipatórias que permitem o diálogo, a interação entre narrador e o leitor, garantindo prazer no ato da leitura, conseqüentemente, ampliação dos horizontes de expectativas, de modo que sejam gerados novos conhecimentos.

Quando o professor esquece o lado lúdico da literatura, transforma-a em uma função pedagógica, esquecendo-se de que é possível torná-la parceira. Estudos envolvendo essa polêmica entre a arte literária e a arte pedagógica indica que é em vão, pois ambas envolvem

emoção e servem como instrumento educativo. Se a arte literária é um meio de aprender a aprender, não é à toa que a função pedagógica da literatura encaminhe o leitor dirigindo e orientando para a descoberta dos mistérios e encantos por meio da ficção.

O aluno que não tem o hábito de ler, ou lê somente para cumprir um dever tem pouco aproveitamento nos estudos literários, pois o ato de ler não pode ser visto como algo passivo. Quando alguém lê um texto automaticamente emite opinião, atualiza o texto interagindo tanto no aspecto linguístico, semântico e pragmático. A leitura proporciona ao leitor múltiplos sentidos, possibilitando várias interpretações, podendo fazer inferências, estabelecer relações com seus conhecimentos, ou seja, o leitor pode dialogar com o texto.

Compreender o sentido de um texto, à princípio é um esforço inconsciente e é um dos fatores decisivos para encontrar coerência na atividade de leitura, isso é possível graças ao conhecimento prévio e à disponibilidade de interagir com o texto, ou seja, “[...] o leitor constrói, e não apenas recebe, um significado global para o texto; ele procura pistas formais, antecipa essas pistas, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões.” (KLEIMAN, 2002, p. 65).

Como a obra literária é do domínio do lúdico e da integração com o intelecto e da afetividade, é nela que está o ponto de partida privilegiado para a conquista do leitor relutante. Portanto, o ideal é que se observe a faixa etária, as características do leitor, assim como os assuntos de seu interesse, embora estas preferências não sejam uma regra inquestionável. O importante é que o leitor não encontre obstáculos intransponíveis que lhe causará inibição.

A literatura quando bem orientada, contribui para formar valores por intermédio dos personagens e da veracidade da narrativa que fornece modelos de comportamento. O adolescente desse século não é mais ingênuo, indefeso ou totalmente dependente. É questionador e crítico, não se submete passivamente à autoridade imposta pela sociedade.

Por meio da obra literária, o jovem observa e analisa a condição humana, no que diz respeito aos personagens da ficção, com seus sentimentos, conflitos, caráter, comportamentos, levando o aluno a refletir sobre sua existência, possibilitando uma maior compreensão de si mesmo e do outro. Além de desenvolver a sensibilidade e o gosto artístico do aluno, “[...] pois a literatura como forma de expressão artística contribui para o sentimento estético seja avivado.” (VIEIRA, 1989, p. 26).

É bom que não se confunda hábito de leitura com o gosto pela leitura. O hábito de leitura pode ser abandonado assim que o indivíduo sai da escola, pois uma vez livre dessa instituição na qual a leitura é feita por obrigatoriedade deixa de lê-lo. Isto significa que habituar o aluno a

ler na escola não o transforma em um leitor para a vida toda. Por isso, é preciso desenvolver o gosto pela leitura.

2.7 Livros literários na escola

A literatura infanto-juvenil é uma base importante para a transmissão de valores do poder instituído. No final do século XIX, com o desenvolvimento e crescimento da população urbana e o fortalecimento de uma classe social intermediária, em busca da escolarização, estabeleceu-se um contato maior com o livro, uma vez que esse novo segmento social procurava uma aproximação com a classe dominante. “Neste contexto cultural, e no horizonte social de um país que se urbanizava e modernizava, começam a sistematizar-se os primeiros esforços para a formação de uma literatura infantil brasileira, esforços até certo ponto voluntários e conscientes.” (ZILBERMAN, 2004, p. 27).

Nesse momento, surge a necessidade de projetos que retratassem um panorama nacional, já que os livros lidos pelas crianças eram traduções dos clássicos como Perrault, Andersen e os irmãos Grimm. Assim, a literatura infanto-juvenil se transforma em um veículo para a propagação de imagem do país em ascensão, que além de a escola exercer esse papel fundamental na transformação de uma população, basicamente rural, em urbana, capacitavam os cidadãos para os novos tempos. Nesse período, a escola tem a função de estabelecer o contato do aluno com o livro, seja didático ou não, justificando o fato das produções literárias infantis como livros didáticos.

Os livros produzidos nessa fase mostravam uma imagem estereotipada da criança que visava retratar o ideal de cidadão que se esperava construir, que também eram editados para pessoas relacionadas com o poder, formando assim uma aliança entre a ideologia escolar e cultural. Esses livros, embora fossem infantis, traziam uma linguagem literária difícil, por se tratar de adaptações de produções portuguesas em que os tradutores, mesmo querendo se afastar dos padrões linguísticos lusitanos, ainda mantinham o compromisso ideológico e conservador da escola e do Estado, privilegiando a linguagem acadêmica, reproduzindo a estética dominante, que passados tantos anos ainda mostram seus traços.

A literatura vem sendo adaptada conforme as mudanças dos tempos: se em época de consolidação de valores, ela tem intenção pedagógica; em época de crise de valores, aí sim ela será arte, ludismo, falta de compromisso, por outro lado, em época de renovação, a literatura será informativa. A escola ao padronizar o texto literário e esquecer a individualidade do aluno,

em vez de “criar o hábito” da leitura consegue aborrecê-lo e afastá-lo do livro, pois não lhe é oferecida a oportunidade de desenvolver o gosto literário pessoal.

De acordo com os PCNs de Ensino Fundamental (BRASIL, 1997), os textos literários considerados para o trabalho com a leitura são os contos, a novela, o romance, a crônica, o poema e o texto dramático. As aulas de leitura têm como objetivos o desenvolvimento de habilidades de inferência, análise e síntese, percepção de informações implícitas e da relação entre os textos e os seus mecanismos de construção e organização.

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos que permitam fazê-lo (BRASIL, 1997, p. 36).

Ao analisar as propostas curriculares, no que tange à leitura no ensino de primeiro grau, admite-se sua importância no processo da aprendizagem contribuindo para a formação social e intelectual do homem, embora não haja uma definição concreta do que é leitura, mas sugere-se aspectos como fluência, ritmo, velocidade, entonação, timbre de voz, pronúncia, relevantes para se fazer uma leitura oral. Quanto ao material didático, são utilizados sempre textos avulsos e recorre-se muito pouco ao livro literário que raramente é indicado. São textos informativos, adaptados com sugestões de leitura visando os mais variados assuntos, adequados ao desenvolvimento dos conteúdos.

Sabe-se que muitos alunos não têm contato com a leitura de qualidade, por isso a escola se torna o único meio de interação deles com o texto, portanto, cabe a ela oferecer-lhe uma leitura de qualidade, professores leitores que sirvam de exemplo e práticas de leituras eficientes. No entanto, um dos maiores problemas do ensino de literatura na escola, está centrada praticamente no trabalho a ser desenvolvido com livros, como fazer a criança gostar de ler, sentir prazer em manusear um livro, frequentar bibliotecas, para não ficar um estudo imposto, forçado e não espontâneo.

A maneira como o estudo de literatura entrou nas escolas, talvez não tenha sido de forma ideal. As histórias, os contos, os romances foram sempre cobrados de forma mecânica e acabou que a receptividade do aluno com os romances e os livros literários, de uma forma geral, foi ficando cada vez mais ruim. O professor precisa descobrir um meio de fazer com que seu aluno goste de ler, pois a relação entre a leitura e a literatura pode não ser clara o bastante, mas é de grande importância, por meio do hábito da leitura ele pode incorporar a literatura no dia-a-dia do seu aluno.

Com a introdução da literatura no ensino fundamental, o professor formará o hábito da leitura, proporcionará o conhecimento e assimilação de outras modalidades linguísticas, desenvolverá a capacidade de redigir com criatividade e imaginação, abrir portas para que esse aluno conheça o mundo em que vive, pois a literatura dá

condições para que o adolescente aprenda elementos extraliterários – culturais, sociais, políticos – o que lhe facultaria uma formação integral; contudo, parece-nos que sua formação permanecerá incompleta e insuficiente se a própria essência do texto literário não for conhecida e dominada (VIEIRA, 1989, p. 26).

O hábito da leitura, em geral, e da literatura, em particular, altera a vida do professor e por consequência do aluno. Sabe-se que com a leitura, o aluno consegue escrever e se expressar com mais facilidade, sem falar que aumenta o vocabulário, uma vez que a escrita é uma das formas de comunicação mais importante no mundo contemporâneo. “Mas, ler não é somente decifrar códigos escritos. É ler o mundo, as pessoas do universo das conquistas humanas. [...] o texto representa diálogo entre leitor e obra [...]” (ARAUJO, 2006, p. 21). O que mais se lê nos livros didáticos atuais são os textos contemporâneos, a exemplo de artigos de jornais, crônicas, letras de músicas, textos de fácil compreensão e sem os apuros que a nossa língua requer.

O livro literário na escola é fundamental na formação de leitores competentes, já que a literatura não tem compromisso com a realidade que não seja a que ela cria, e a fantasia promove o desenvolvimento da curiosidade pela descoberta; permite vivenciar coisas novas e aplicá-las em sua vida e reagir diante de situações desagradáveis; internaliza as estruturas mais complexas da língua portuguesa, sem a obrigação da memorização de regras gramaticais, além de desenvolver as estruturas do pensamento, importante no raciocínio lógico do aluno, já que o desenvolvimento da linguagem é essencial para o crescimento intelectual do indivíduo.

Para que o livro literário seja um instrumento de estímulo à leitura, tanto o professor quanto as editoras precisam conhecer o que realmente interessa ao aluno. Assim, o desejo do aluno que gosta de ler e da escola que quer formar leitores podem se realizar. A literatura por sua vez, oferece um papel mais interativo porque o leitor cria na sua imaginação todo o ambiente, como cenário, os personagens e suas expressões. Com isso, pode-se afirmar que o hábito da leitura desenvolve e enriquece a capacidade imaginativa, ampliando a experiência de vida, pois quem lê tem diversas maneiras de dizer o mundo e se dizer no mundo.

Diante disso, torna-se essencial ampliar o conceito de leitura, incentivar o aluno a fazer leituras orais e visuais também, pois a literatura não está só na forma escrita. A música, a declamação, as artes visuais são portadoras de inúmeras mensagens e que tem na oralidade sua principal motivação.

É importante que, de alguma forma, o professor esteja despertando no seu aluno o prazer pela literatura. É inegável que uma grande maioria de jovens já sente prazer por alguma modalidade de leitura, mesmo sendo a oral, apesar de essa ser uma forma de ler o mundo que não é aproveitada pelo professor. O que infelizmente acontece é que se prioriza a forma escrita marginalizando as possibilidades que não têm na palavra impressa sua expressão. O professor precisa aproveitar o que o aluno já gosta de ler e fazer uma vinculação para trabalhar com leituras mais elaboradas.

Quanto às obras literárias que chegam às escolas, essas ainda sofrem as influências do governo juntamente com as editoras que decidem juntos quais livros são aconselháveis, o que é feito mediante uso de catálogos, isso nos leva a entender que o leitor, professor e aluno devem ler apenas o que interessa aqueles que mandam. Todos sabem da importância da leitura literária para a formação do leitor, do cidadão, mas não tem interesse em formá-lo de verdade. Nesse sentido, todo livro literário se transforma em livro paradidático, ou seja, um livro chato, tedioso, terminando com o sonho de um texto literário perpetuar o gosto pela leitura. Em razão disso, aluno não gosta de ler o que a escola manda.

2.8 O texto literário no livro didático

Alguns fazem críticas em relação a banalização da literatura, outros afirmam a soberania dos clássicos, o mercado editorial celebra seu crescimento. Enquanto isso, na escola, o livro e a literatura vêm desaparecendo, especificamente na sala de aula, quando disputa com o restante das disciplinas as novidades de cada dia. Silva (1986, p.27) afirma que “difusão das obras escritas, no Brasil, é bastante precária. A distribuição é lenta e falha (...)” dificultando o desenvolvimento da leitura na escola.

A literatura foi incorporada à escola e se instituiu que todas as crianças passarão a ler. Até poderia ser verdade se essa leitura não fosse imposta como uma noção de dever, mas sim de descoberta, de encantamento. Normalmente, há uma obrigatoriedade de tempo, em que o aluno terá um prazo de leitura e entrega de alguma análise, sem falar que o livro é indicado e não escolhido pelo leitor. Em relação ao livro indicado para leitura, sempre acontece de ele ser o mesmo para toda a turma, assim o aluno não tem liberdade de escolha, por isso a maioria dos alunos fica frustrada porque não é respeitado o gosto pelos diferentes gêneros literários e os critérios de escolhas.

Porque, de verdade, a professora trabalha com um leque muito estreito de alternativas [...] Conhece pouco de literatura, em geral aqueles livros que as editoras enviam para sua casa/escola ou aqueles cujos autores estão mais dispostos a divulgar seu trabalho

[...] O critério reinante, na maioria dos casos, não é o da qualidade do livro, mas o da pronta entrega (ABRAMOVICK, 1997, p. 140).

A leitura tem destaque na vida estudantil durante toda a vida escolar. Não é um privilégio só da área da disciplina de língua portuguesa, embora ela seja incentivadora com mais intensidade por tais professores, que intervêm em todos os setores que envolvem manifestações oral e escrita.

Diante das dificuldades encontradas pelos professores, no que se refere ao ensino, à leitura e à literatura, é possível realizar um trabalho eficaz com a colaboração daqueles que possibilitam o acesso da criança ao livro, seja por intermédio da família ou da biblioteca, uma vez que o livro é significativo neste momento para estimular a formação do hábito de leitura.

É necessário haver projetos que deem relevância à literatura, com condição concreta de trabalho, bons livros, espaço favorável para a leitura, participação efetiva de professores voltados à leitura. Nesse sentido, são relevantes o conhecimento e a visibilidade do professor para a prática docente, uma vez que, em uma sala de aula, o gosto literário é bem variado. Há alunos que gostam de histórias policiais, outros as narrativas românticas, alguns das histórias de ficção. Portanto, há a necessidade de o educador ser competente para atender às diversas nuances do texto literário e estar aberto às diferentes leituras.

A escola pode ser responsabilizada por ser, principalmente para as crianças de classe social desfavorecida, a única referência em termos da leitura literária. São as histórias que fazem parte do acervo que circulam na sala de aula por iniciativa da professora-regente que colocam essas crianças em contato com a literatura. Evidencia-se, portanto, a influência da escola também na aquisição de um modelo de conduta, o qual pode ser vislumbrado nas histórias lidas.

[...] a maioria dos professores utiliza-se do livro didático em sala de aula. Fato que, de modo geral, longe de favorecer o desenvolvimento do espírito crítico dos jovens e, até hoje, de docentes, estimula a mera reprodução de conteúdo, tornando o ensino de literatura algo mecânico e repetitivo (VIEIRA, 1989, p. 40).

O livro didático é uma ferramenta necessária na sala de aula, mas não pode deixar de analisar sua proposta em relação à literatura, pois muitos delas são desestimulantes, tanto para o professor como para o aluno, é possível encontrar textos que não condizem com a realidade do aluno e tendem a cair na monotonia.

Dentre vários pontos, o que mais necessita mudar é a forma de abordar os textos literários, dado que eles são compostos por histórias banais e, em outras vezes, muito fragmentadas. Conseqüentemente, esses materiais vêm seguidos de perguntas banais que ao invés de estimular a leitura e a produção, acabam impedindo o processo criativo do aluno. A ausência de uma proposta de trabalho com a literatura mais elaborada impede a ampliação dos

horizontes, além de dificultar que o leitor consiga se situar em outro contexto, colocando-se na situação do outro. De outro modo, o trabalho efetivo com a literatura permite que o leitor se desvincule do seu momento histórico e viva o momento propiciado pela leitura.

O texto literário se distingue dos demais textos por expor e tornar claro o caráter heterogêneo da obra tornando o leitor um sujeito crítico e criativo. Assim, o livro aparece como fonte de informação ou lazer, ou seja, os textos são usados como pretexto, mesmo na disciplina de língua portuguesa. Como “Literatura” na escola só se faz presente no segundo grau, os professores e alunos ficam presos a um círculo fechado dos grandes clássicos, por medo de se aventurarem nas “novas” leituras. O professor de primeiro grau se sente menos pressionado para introduzirem textos ainda não considerados como arte ou literatura, possibilitando uma aproximação maior entre os textos e a vida cotidiana do aluno.

A presença de textos literários nos livros didáticos é uma escolha do autor, por isso não há nenhuma obrigatoriedade de o professor fazer o seu uso em sala de aula, uma vez que estes sempre são usados como pretexto para situações gramaticais. Contudo, o professor pode e deve usá-los para incentivar o seu aluno para leituras maiores, abandonando as sintaxes, regências, as interpretações textuais ou algo do gênero mediante relação professor, evitando assim a antipatia em relação a determinados autores como Rui Barbosa, Euclides da Cunha, Machado de Assis. Nesse sentido, os alunos terão os textos no livro didático como prévia para leituras mais complexas, agradáveis e sem a necessidade de fazer essa ligação de sacrifício das aulas de gramática.

De acordo aos Parâmetros Curriculares Nacionais, não é qualquer texto que vale a pena levar para a leitura em sala de aula. O melhor é que seja interessante, emocionante, intrigante. E só o texto literário tem essa natureza. Os professores também têm dificuldades para seguir os PCN em relação à leitura, pois não tiveram acesso a essas descobertas, porque se formaram há muito tempo em faculdades ou cursos que não deram atenção a esses conhecimentos, principalmente em relação as turmas de 5^a a 8^a séries, já que nos últimos tempos, os sistemas de ensino investiram muito pouco para esses profissionais. Além disso, Lajolo (1995) apresenta algumas características concretas do trabalho com a literatura em sala de aula. Por um lado, ela constata a falta de autonomia do professor devido a sua formação precária e apressada. Segundo a autora,

a influência da teoria literária na leitura escolar, por exemplo, traduz em inspirar roteiros ou atividades de leitura a serem executados em classe sob a batuta de um professor que, via de regra, desconhece a paternidade ilustre das atividades que desenvolve em suas aulas (LAJOLO, 1995, p. 117).

Isto mostra que o tipo de texto utilizado na escola e a perspectiva metodológica sobre a qual se alicerçam as atividades de leitura não estão adequados para a formação do leitor.

2.9 Texto como pretexto

A relação leitura e literatura nas aulas de língua portuguesa têm se restringido em habilidades de decodificação da escrita, sem reflexão, sem diálogo com o texto e quando utilizada, serve de pretexto para atividades metalinguísticas ou finalidades meramente avaliativas, daí constituir-se de cópia literal de expressão do texto, leitura em voz alta, respostas a questionários de interpretação e assim por diante.

Estudos de linguística e de teoria literária têm mostrado que uma está intimamente ligada a outra e que o uso literário da linguagem é possível, e mesmo utilizada em sua função referencial, ela percorre a depender das circunstâncias concretas dos falantes e ouvintes, sendo a norma culta apenas uma possibilidade entre outras.

Segundo João Wanderlei Geraldi (2002), integrar o estudo de língua com o estudo da literatura ainda é difícil, uma vez que a gramática está relacionada à língua por meio de exemplos soltos ou, quando muito, com os enunciados pescados em um conto, poesia ou romance de escritores consagrados.

Por estar a serviço da sociedade, a linguagem escolar se tornou formal, em busca de resultados qualitativos, transmissora de valores morais que garantissem a supremacia das classes dominantes. Dessa forma, a linguagem literária é tida como supérflua, como pano de fundo para recreação, memorização de recitais, pretextos para estudos lexicais e nunca como uma atividade produtora, principalmente no primeiro grau. A literatura é vista como algo alienador e nega a necessidade do lirismo que todos precisam e que a escola deixa à margem por se considerar uma instituição séria.

Nos poucos momentos que se estuda um texto literário, o modelo de aula e a metodologia usada se baseiam numa sequência de atividades estáticas, com a apresentação do texto, explicação do vocabulário, exercício de interpretação, exercícios de composição, produção textual e, finalmente, usando palavras, frases ou qualquer outro elemento do texto para os estudos gramaticais.

O professor tradicional tende a utilizar o texto literário como pretexto para o ensino de determinado conteúdo, a exemplo de um poema estudado em suas partes: quantos versos, quantas estrofes, rimas, circular substantivos, procurar no dicionário palavras desconhecidas, e

“o texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser.” (LAJOLO, 1998, p. 52). Visto assim, a literatura se torna um recurso utilizado pelo mestre e não atingindo seu fim real.

Com isso, a escola vem cometendo um erro grave, que é ensinar a literatura como um ato mecânico acentuando a falta de incentivo, de recursos e de informação sobre a importância da obra literária. O aluno lê anúncios, *outdoors*, placas, mas não lê literatura. Isso porque a escola trabalha referencial da linguagem, desprezando a função poética que também é capaz de contribuir com o desenvolvimento linguístico.

Diante disso, a escola ainda tende a valorizar mais os textos jornalísticos, valorizando a linguagem conceitual que aponta com clareza para a informação, uma vez que está a serviço da sociedade capitalista, voltada para a tecnologia e o acúmulo de bens e a transmissão de valores morais que garantam sua hegemonia. Assim, a linguagem da escola não privilegia a linguagem literária, encarando-a, muitas vezes, como algo suspeito, capaz de despertar sentimentos que possam intervir no sistema social que se pretende seguir.

Os textos literários são trabalhados de forma superficial. As histórias sempre têm uma lição no final que seja voltada para os valores morais que querem atingir. As poesias são lidas de forma mecânica, preparando para um recital ou um evento com o intuito de preencher algum vazio. Qualquer vazio, menos aquele trazido pela ânsia, pelo desejo que é ao mesmo tempo trazido pela razão e a emoção.

O que forma leitores são ritmo e constância do ler, balizando-os à formação de um gosto, à fruição estética, ao prazer como educação de sentidos. Muitas vezes, a escola é responsável pelo desencanto, a escola que desengata a formação leitora com seu aparato de técnicas, em proveito dos conteúdos (muitos deles inúteis ao desenvolvimento da vida adolescente) e sem atentar para a expressão dos indivíduos e suas dúvidas (ARAUJO, 2006, p. 72).

Ao relacionar a literatura com as atividades didáticas, a escola impede que a magia, a fantasia e a imaginação, elementos essenciais da literatura, venham à tona, quando o ideal seria levantar questões que unem as ideias que constroem o sentido do texto com a realidade dos alunos, ou seja, dentro da literatura só deveria haver espaço para os textos literários, uma vez que a literatura deve ser um convite à imaginação, ao desenvolvimento da escuta, prever situações e, até mesmo, envolver outras linguagens, quando necessário.

É preciso que o currículo escolar dê relevância à Literatura, fornecendo condições concretas de trabalho como bons livros, espaço para a leitura em grupo, obras teóricas que possam embasar a prática docente, formação continuada, participação dos professores em cursos voltados ao ensino da literatura, pois muitas vezes estes não sabem como trabalhar de forma prazerosa, não conteudista.

A escola deve estar mais atenta ao desenvolvimento da maneira de pensar do que à memorização de conteúdo, devendo então admitir que sua função mais importante é propiciar ao aluno atividades que desenvolvam sua capacidade de raciocínio e argumentação, sua sensibilidade para a compreensão das múltiplas facetas da realidade. A escola, portanto, deve ser, antes de tudo, um espaço para o exercício da liberdade e de expressão. O próprio aluno sentirá necessidade de um estudo da língua, mediante diferenças de linguagem culta usadas pelos escritores e, nesse caso, há a contextualização textual em que a aprendizagem será mais abrangente.

2.10 Poesia na sala de aula

A experiência linguística começa desde quando se nasce, quando os primeiros ruídos são ouvidos. O som primariamente das canções de ninar, parlendas e poemas. Em seu cotidiano a criança vive a poesia por intermédio das brincadeiras, da invenção de rimas, da travas-línguas, músicas etc. É na atividade criativa com a língua que a criança constrói formas originais de ver o mundo. No entanto, quando chega à escola ela não encontra uma continuidade, assim esse prazer adormece. O aluno precisa conviver com um ambiente cultural ativo para que possa formar leitores e indivíduos alfabetizados culturalmente.

“A poesia, que faz parte da Literatura e, ao mesmo tempo, é mais que a literatura, levamos à dimensão poética da existência humana” (MORIN, 2002, p. 45) por isso, a linguagem nos põem em comunicação com o mistério. Nas leituras das obras literárias, como romances e poemas, por exemplo, é preciso conhecer duas linguagens: a língua em que o poeta ou escritor escreve e a linguagem do próprio texto, pois sabemos que a arte, de um modo geral, é condenada à história. É preciso que o professor tenha conhecimento de mundo para ajudar seu aluno a fazer as duas leituras; tanto aquela em que ele possa dialogar, tirar suas impressões, quanto a outra que ajuda a conhecer a proposta do autor e a importância da obra para o mundo das artes.

O professor não se sente à vontade para estudar poesia com seus alunos em sala de aula, justamente por não saber como fazê-lo. No primeiro momento, o professor deverá se sensibilizar com o poema, pois se não souber o transmitir com emoção, dificilmente conseguirá emocionar o aluno. Outra ilusão é pensar que todos os alunos irão gostar do mesmo poema. A autora afirma ainda que, de todos os gêneros literários, a poesia é a menos indicada para trabalhar com os aspectos morais e instrutivos. Também a poesia não foi feita para ser entendida, pois seu vocabulário é rebuscado e exige um estudo mais profundo. Na verdade, a

poesia foi feita para ser sentida, se o aluno gostar, ele terá a curiosidade de conhecer os elementos que a cercam, se não gostar, não lhe dará valor real.

A poesia, neste caso, virou mito em nossa sala de aula. De modo geral, observamos, por parte do aluno, resistências em ler, interpretar, criar e recriar poemas, isso é justificado pelo conceito de que é difícil trabalhar com poesia. Enquanto isso, o aluno perde por não adquirir o prazer da leitura poética, a degustação de palavras combinadas.

Quando o professor propõe estudar poesia com seu aluno, seu objetivo principal deve ser continuar alimentando a poesia que nasce com cada um. Segundo Coelho (1991, p. 227), “os textos poéticos vêm sendo indicados como dos meios mais eficazes para educação da percepção sensorial da criança; e também de sua sensibilidade ou da capacidade de pensar, ouvir, falar e escrever”. O referido autor deixa claro, assim, que o professor deve privilegiar o lúdico, a brincadeira com a palavra, a sonoridade e a imaginação do leitor.

Entretanto, quando o estudo da poesia é realizado em salas de aula, limita-se à análise das rimas, dos versos e das estrofes. O ideal é que o professor faça uma leitura poética do mundo, fazendo do texto literário motivo de apreciação lúdica e de motivação para a produção, criação feita com serenidade, brincando com as palavras.

A este propósito, é importante que o professor estude poesia com seu aluno, que procure primeiro despertar em si o gosto pela poesia, ser sensível ao texto poético para que possa passar para seu aluno uma atmosfera propícia ao estudo e à criação. É essencial que o professor, ao escolher poemas para se trabalhar em sala, pesquise antes para trazer poemas que se identifiquem com a realidade da turma e que tenha uma linguagem ao alcance da compreensão e capacidade de reflexão de seu aluno, sobretudo dele relembrar as brincadeiras infantis.

Tanto a arte como o próprio conhecimento podem ser manifestados mediante a literatura, pois, por meio da palavra, a pessoa pode se expressar, tanto considerando a realidade, o sentimento, as dores e as angústias. A literatura representa simbolicamente, considerando a posição tanto de quem escreve como de quem ler, as vidas reais ou imaginárias, com isso, além de possibilitar o conhecimento, a literatura diverte e traz felicidade.

Por toda essa sua capacidade de criação, a linguagem literária passa a ser ficção de uma realidade imaginada expressada por intermédio da palavra, sem precisar ser comprovada com o real. Entretanto, por mais fantasioso, absurdo que seja um conto, um poema ou uma novela, o texto literário traz situações da realidade humana. Este talvez seja o ponto mais importante da literatura, pois ela mostra à humanidade a sua própria razão de existir, consegue expressar com maestria a dor e a alegria, a luta e a desistência, o amor e o desencontro, a morte e o retorno, o misterioso e o prosaico, o desejo e a frustração, a liberdade e a descoberta, a fome e os excessos,

a persistência e a fuga, a imobilidade e a peregrinação. Assim, a literatura contribui para a formação ética, estética e histórica de homens e mulheres em permanente processo de descoberta e revelação.

Outra característica geral da arte literária é sua extrema expressividade ao revelar a vida, por mais conhecida que seja, mesmo com olhos de iniciante. Por isso, o traço mais político da literatura é fazer acordar e aguçar nas pessoas o sentido da revelação. Quando se leem versos de Camões como “Amor é fogo que arde sem se ver/ É ferida que dói e não se sente”, por mais que se conheça a experiência amorosa, é como viver o amor pela primeira e única vez. Ao contrário de definir a vida de forma acabada ou utilitária, a literatura oferece a vida como linguagem múltipla e carregada de significações. Em síntese, a literatura sempre diz mais, por meio da poesia, das narrativas, do cordel e do gênero epistolar que, por vezes, eleva a correspondência entre duas pessoas à categoria de arte.

2.11 Leitura e tecnologia

Vive-se em um mundo letrado, as informações estão por toda parte, nas suas mais diferentes formas e linguagens. A necessidade da leitura é real e imprescindível. Lê-se para conviver, para informar, para a inserção no mundo e para se tornar um leitor eficiente. Por isso, se é praticando que se aprende, logo, só se aprende a ler lendo. Assim, o educando precisa estar inserido no mundo e a escola é a grande responsável por essa inserção e pela formação de cidadãos críticos e criativos.

A literatura existe no nosso cotidiano, está nos jornais, nas revistas, na televisão, nas bibliotecas e nas escolas. Em alguns momentos ela é vendida, em outros, lida e estudada. Desta forma, o professor deve mostrar ao seu aluno que ela não se restringe apenas às salas de aula, mas abrange toda a vida social do indivíduo, seja ele professor, estudante, homem, mulher, adolescente ou criança.

O mundo passa atualmente por uma revolução tecnológica que está alterando profundamente as formas de trabalho e de interação. Entretanto, infelizmente nas escolas públicas municipais essa realidade é algo distante. Como afirma Silva (1988, p. 134), “mesmo com o advento dos meios audiovisuais para a transmissão e circulação da cultura, no âmbito das escolas a ênfase ainda permanece sobre o registro verbal, ou seja, ler e escrever”.

Sem dúvida, formar leitores no ambiente com diferentes formas de linguagem não é nada fácil. Ignorar que estamos vivendo em tempos de turbulência cultural não é possível. O que se pode fazer é agregar as competências que o aluno possui com as que são oferecidas nos

diferentes meios que a tecnologia da expressão e da comunicação são oferecidos. Diante disso, formar leitor é formá-lo dentro das diferentes formas de linguagens áudio e visual e das exigências dos tempos atuais, e estes pressupõem habilidades e competências para motivar o aluno.

Além da atração dos livros didáticos, as modernas técnicas pedagógicas enfatizam também a importância de veicular os textos didáticos à realidade sociocultural do aluno, como meio de estimular a aprendizagem e o gosto pela leitura. Para que essa cultura esteja ligada à satisfação, não basta ensinar a ler, é mesmo necessário que se crie o hábito da leitura. Outro engano diz respeito à chegada dos meios eletrônicos em nossa sociedade. Estes não substituem os livros. A Internet veio para dinamizar e disseminar o grande número de informações que hoje circula em todo o mundo, sendo a grande aliada nas aulas e pesquisas escolares.

A linguagem televisiva não é melhor nem pior que o livro, é diferente. Os programas de televisão trazem uma linguagem denotativa, o leitor não precisa imaginar, pensar, idealizar porque a imagem já está pronta e acabada. Portanto, não há o que comparar. As críticas servem para justificar a falta de leitura dos jovens. Quando acusamos a televisão de prejudicar o interesse pela leitura, na verdade o que está em jogo é a passividade do aluno diante da leitura. Toda pessoa é crítica e pode desenvolver o senso crítico em relação aquilo que ele está vendo e também em relação ao que está lendo, ou seja, o fato de estar ou não escrito nas páginas de um livro é suficiente para dizermos se é bom ou não ou que essa leitura é adequada para o seu crescimento intelectual.

No que diz respeito à internet, talvez os jovens não tenham lido tanto como atualmente, já que tantas mensagens têm sido enviadas e respondidas. Certamente, esta não é a linguagem que a escola considera atraente, mas é a linguagem que ele, o jovem, usa atualmente. É uma forma de expressão de sua cultura e porque não de leitura? Leitura sem o controle da escola tradicional.

Portanto, é preciso mostrar aos pais e à sociedade que a principal função da escola atual é – além de formar o cidadão, garantindo seu crescimento pessoal, social, individual e coletivo – desenvolver a consciência cósmica compreendida com a preservação do planeta. É papel da escola ensinar o aluno a pensar criticamente, para acessar, selecionar e utilizar essas informações. Sendo assim, para essa compreensão, é mais importante o professor saber perguntar do que saber responder às perguntas dos alunos. Se apenas respondemos ao que o aluno pergunta, demonstramos que ele é capaz de descobrir por si só. Por outro lado, se o professor sabe perguntar, mostra ao aluno que ele é capaz de encontrar respostas, de construir conhecimento, contanto que pense, reflita, observe, investigue, argumente e dialogue.

2.12 Políticas públicas de incentivo à literatura

A literatura é um dos caminhos mais eficientes para o homem interagir com o meio em que vive, e também eficiente para a formação de bons leitores. A leitura é importante na construção dos diversos conhecimentos associados ao prazer, portanto é necessário motivar e valorizar o cidadão por meio das linguagens literárias e artísticas com base na compreensão do seu papel enquanto sujeito histórico. É o meio mais importante para a aquisição de saberes e um instrumento básico para o sistema educativo. Dessa forma, um dos requisitos básicos de qualquer atividade pedagógica é fazer com que a criança e o jovem adquiram a capacidade de ler e que tenham acesso a todas as informações disponíveis, tanto nos meios impressos quanto nos digitais.

Nesse contexto, a escola tem um papel fundamental, pois é o espaço onde a criança passa parte do seu tempo e aprende ler e escrever. Desta forma, esse ambiente precisa estar preparado, em todos os segmentos, para realizar seu papel com sucesso, isso requer bibliotecas equipadas, professores preparados, projetos com objetivos claros e eficientes, pois muitas vezes a Literatura só faz parte da escola nas apresentações em datas comemorativas ou então com textos fragmentados no livro didático, estudos bem superficiais e mecânicos, que não despertam o prazer. Conforme previsto nos PCNs,

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura – que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e de demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura (BRASIL, 1997, p. 58).

Um dos grandes parceiros da escola para incentivar a leitura é o Governo, criando condições favoráveis para facilitar o trabalho, como ampliação das bibliotecas, que normalmente estão desatualizadas, além da implementação de políticas públicas voltadas para o preparo do professor e de um ensino que seja capaz de desenvolver o prazer pela leitura. O ideal seria criar políticas mais sólidas para incentivar a criança a ir para a escola, entretanto a efetividade das políticas educacionais ainda encontra barreiras as quais impedem o melhor desempenho do ensino, sobretudo em relação às intervenções para que as crianças gostem de estar na escola.

Normalmente, quando se fala em investimentos na educação, pensa-se logo em construções de prédios, reformas, construção de sala de informáticas, não que isso não seja importante, mas desvia-se a atenção para a parte física e deixa-se de lado a qualidade, a

preocupação de formar cidadãos preparados para atuarem na sociedade. Em razão disso, ainda que haja uma ampliação da biblioteca, essa medida não é suficiente para que aluno goste dela.

Uma coisa é termos bibliotecas e incentivarmos a construção de outras novas em diálogo com governadores e prefeitos. Outra coisa, ainda, é valorizarmos o livro e o escritor. Mas não se pode esquecer que a leitura é o ato que vai dar vida às bibliotecas e ao livro. Ter bibliotecas e editar livros são apenas dois lados de um triângulo, os quais só se complementam com um programa que parta para a reinvenção do próprio conceito de leitor (SANT'ANNA, 2007, p. 37).

A preocupação predominante das políticas públicas e da escola, de um modo geral, é ensinar a ler e escrever, tirar o Brasil do índice alto de analfabetismo, com isso, vão sendo formados cidadãos conformados com o pouco que sabem, isto é, acomodados em saber mais, e com pouco contato com a arte e com o mundo cultural.

A forma como as coisas acontecem dentro da educação, deixa perceber a falta proposital de compromisso, por parte do governo, em buscar estratégias para mudar ou redefinir o quadro cultural que vem se formando nas escolas. Com isso, o tipo de cidadão que está sendo preparado para atuar na sociedade, é aquele mais fácil de ser manipulado, ou seja, pessoas sem senso crítico. Em face disso, somente a escola fica responsável para tentar lutar contra esse poder alienador, e que infelizmente, muitas das vezes, domina o próprio ambiente educacional. Segundo Azevedo (2004),

[...] não se pode esquecer que a escola e principalmente a sala de aula são espaços em que se concretizam as definições sobre a política e o planejamento que as sociedades estabelecem para si próprias, como projeto ou modelo educativo que se tenta pôr em ação (p. 59).

Uma escola que cria todo um ambiente favorável para o conhecimento da arte e proporciona ao seu aluno o convívio com a literatura, está dando a ele oportunidade de vivenciar novas histórias, entrar no mundo imaginário e perceber que seu cotidiano também faz parte dele. Assim, esse indivíduo poderá ver a vida com mais leveza e com um olhar transformador. Isso pode ser a chance de estar dando oportunidade a uma parte da sociedade, excluída das questões culturais, de conhecer, de gostar, de participar e, porque não dizer, de possibilitar o despertar de uma vontade de melhorar de vida.

O fracasso escolar é fato consumado e vem sendo comprovado pelas avaliações externas, como a Prova Brasil, que tem a finalidade de avaliar as escolas públicas e mostra resultados tristes, além de apontar indicadores que demonstram a carência em leitura e interpretação. Essas avaliações demonstram que os alunos fazem a leitura e não conseguem compreender o que leram, isso é muito grave e pode ser o resultado de uma educação que não valoriza a literatura, pois no cotidiano escolar o contato da criança com livros é praticamente nulo.

Quando se faz uma avaliação é porque quer saber o que está errado para tentar consertar, melhorar, por isso a lógicas das políticas públicas em avaliar a educação deveria ser a mesma, pois na teoria até é, mas na prática não. Aplicam-se as provas, faz-se todo o diagnóstico, publica-se o resultado, contudo as medidas adotadas não têm sido efetivas. De acordo Ferraro (2004), com base nos dados do Censo 2000, o que se percebe é

[...] a persistência do fenômeno do analfabetismo no Brasil e a configuração tipicamente regional de sua distribuição pelo território nacional. Os grupos extremos são constituídos pelo Nordeste (grupo I) e Sudeste-Sul (grupo IV). Os cinco Estados com taxas mais elevadas de analfabetismo entre as pessoas de 5 anos ou mais, todos do Nordeste (AL, PI, MA, PB, e CE, em ordem decrescente), têm, em termos percentuais, taxas de analfabetismo 3,05 a 4,15 vezes mais elevadas do que os cinco Estados com taxas mais baixas (DF, SC, RJ, RS e SP, em ordem crescente). (IBGE, p. 181-182).

Portanto, é preciso atacar o problema pela raiz, e um deles está relacionado à falta de leitura. Embora, o governo Federal incentive a leitura, o faz forma superficial, em face de um país, cuja educação fragilizada e o índice de leitor baixo, impede que ações adotadas sejam suficientes. Assim, é preciso ir mais fundo, atingir a base de tudo, que é a escola.

Em 2001, o Governo lançou o projeto “Literatura em Minha Casa”, por meio do PNBE – Plano Nacional Brasileiro de Educação, com o objetivo de dar acesso a todos ao livro literário, com a tentativa de incentivar o gosto pela leitura. Desse modo, foram lançados livros de diversos gêneros para compor as coleções, que atingiam várias faixas etárias. A campanha foi belíssima na mídia, os livros vieram para as escolas e não surtiu muito efeito porque faltou preparo, planejamento, vontade para aplicar esse projeto

A educação necessita de políticas que visem uma transformação geral. Os professores devem ser preparados, passar por formação continuada e entender que ele tem um papel importante na formação do cidadão leitor, atuante e crítico. Essa medida deve considerar a preocupação de mostrar ao aluno que a leitura não é algo ruim, pesado, difícil e feito só para adquirir nota ou passar de ano. É preciso mostrar que ela é o passaporte para adentrar a outro mundo, em que a fantasia está atrelada à vida cotidiana, de modo que se possa perceber que ela possibilita situações inesgotáveis de conhecimento e prazer.

A leitura literária é um dos caminhos mais propícios para se chegar a uma sociedade de leitores, com cidadãos formadores de opiniões, com capacidade de imaginação e mais felizes, pois a arte literária é um dos entretenimentos com possibilidade de acesso a todos. Nossa sociedade vai sofrer uma transformação cultural, quando todos começarem a cobrar medidas concretas e mais compromisso por parte dos governos.

Para Foucault (1994), o ato de ler deve ser um aprendizado social, assim como se aprende a andar, pois por meio dela poderá haver uma diminuição da desigualdade no país, assim como a melhora da qualidade de vida dos cidadãos. Diante disso, questiona-se, será que os governantes querem diminuir a desigualdade? Será que querem jovens e cidadãos pensantes? É evidente que é mais fácil manipular pessoas sem senso crítico, desinformadas do que aquelas que sabem interpretar o contexto em que vivem.

2.13 A interdisciplinaridade da literatura

A literatura vem sendo trabalhada na escola de forma fragmentada e uma das propostas de mudar essa condição, é a interdisciplinaridade. Dessa forma, ela não vai ficar somente na área de linguagem e passa a estar presente na aula das demais disciplinas, mesmo porque, desenvolver o hábito de leitura não deve ficar sendo responsabilidade do professor de Língua Portuguesa. Segundo Lück (2013, p. 24) “[...] se o professor analisar adequadamente o seu cotidiano escolar e vital irá identificar facilmente inúmeras dificuldades que resultam da ótica fragmentadora, o que por si, estabelece a necessidade do enfoque interdisciplinar e globalizador no ensino [...]”.

Pensando dessa forma, a arte pode ser uma ferramenta que serve para ligar conhecimento e saberes de diversas áreas, além do mais, ela pode ser uma ponte entre os diversos mundos, culturas, comportamentos existentes na sala de aula. Desse modo, a arte possibilita que haja oportunidade de superação dos desafios, tanto pessoais como coletivos, para Morim (2003, p. 78), é necessário ver a literatura “como escola e experiência de vida.”

Além de possibilitar o encontro de vários mundos, de troca de experiências, a literatura abre espaço para descobrir coisas novas e para discussão de vários temas, o professor, de qualquer disciplina, pode encontrar na arte, seja romance, poemas, contos, crônicas, temas para discutir em sala, que podem ajudar a resolver diversos tipos de problemas.

A narrativa, em particular, põe à mostra relações do homem com o outro e com a sociedade. A arte adentra à História, o momento em que ela registra as guerras, conflitos religiosos, momentos políticos, em Geografia, quando por exemplo, descreve fauna e flora, clima de um lugar, também está presente na Sociologia, quando deixa evidente a cultura, comportamento de um povo e assim, com esse pensamento, o professor pode buscar na ludicidade, pontes para enriquecer seu conteúdo.

São o romance e o filme que põem à mostra as relações do ser humano com o outro, com a sociedade, com o mundo. O romance do século XIX e o cinema do século XX transportam-nos para dentro da História e pelos continentes, para dentro das guerras

e da paz. E o milagre de um grande romance, como de um grande filme, é revelar a universalidade da condição humana, ao mergulhar na singularidade de destinos individuais localizados no tempo e no espaço (MORIN, 2003, p. 44).

É preciso explorar a literatura na escola, ela precisa deixar de ser um complemento, ou somente um recital de poemas, ela precisa ser discutida diante dos vários pensamentos e passar a ser agregada por todas as áreas do conhecimento. De acordo com José (2008, p. 87), suprimir “as barreiras entre as disciplinas é um gesto de ousadia, uma tentativa de romper com um ensino transmissivo e morto, distante dos olhos das crianças e dos adolescentes que correm pelos corredores das escolas”.

Fazer um trabalho interdisciplinar, requer um planejamento com objetivos bem definidos, atitude, conhecimento, pensado e amadurecido com maturidade para que realmente possa fazer sentido e chegar ao aprendizado.

A prática interdisciplinar pressupõe uma desconstrução, uma ruptura com o tradicional e com o cotidiano tarefairo escolar. O professor interdisciplinar percorre as regiões fronteiriças flexíveis onde o “eu” convive com o “outro” sem abrir mão de suas características, possibilitando a interdependência, o compartilhamento, o encontro, o diálogo e as transformações. Esse é o movimento da interdisciplinaridade caracterizada por atitudes ante o conhecimento (TRINDADE, 2008, p. 82).

A prática da interdisciplinaridade vai exigir mais leituras e, automaticamente, proporcionar uma melhora na escrita, vai ampliar o vocabulário e o repertório de argumentos, além de fazer uma ligação entre leitor e o texto, possibilitando ao aluno vivenciar inúmeras experiências. O mais interessante em relação a esse processo é que isso pode acontecer independente da disciplina a que a proposta estiver inserida.

A escola não tem o papel só de ensinar a ler e escrever, ela também tem uma função social, de preparar cidadãos atuantes e críticos, e é aí que a literatura tem atribuição significativa e pode ajudar nesse processo. Morin (2003) afirma que a literatura deve ser vista como experiência de vida. Por isso, para exercer essa função de socialização, é necessário que o professor conheça seu aluno, suas necessidades, suas experiências e cultura, o tipo de leitura que eles gostam, quais os filmes eles veem com frequência, para diante disso, escolher as melhores estratégias para trabalhar. Morin (2003) deixa claro que

[...] os professores do secundário têm por dever educar-se sobre o mundo e a cultura dos adolescentes. Sempre houve, de fato, sob a “colaboração de classe”, uma “luta de classe” entre professores, que dispõem do poder, e o grosso dos alunos, que criam seu underground clandestino, realizando pequenas transgressões (copiar, colar etc.) [...] (p. 79).

Quando o professor conhece o gosto artístico do seu aluno, fica mais fácil para ele escolher o que trabalhar na sala de aula. Isso não significa que essa escola deva ser igual, mas a princípio, algo que seja pelo menos do mesmo gênero, para que atraia o aluno a compartilhar

a leitura. É comum que o adolescente faça escolhas anárquicas, sem nenhuma sistematização, de forma aleatória, mas uma coisa é evidente, essa escolha diz muito quem é o leitor, por isso a importância que o professor tenha esse conhecimento.

[...] o círculo da docência não deveria fechar-se, como uma cidadela sitiada, sob o bombardeio da cultura de mídia, exterior à escola, ignorada e desdenhada pelo mundo intelectual. O conhecimento dessa cultura é necessário não só para compreender os processos multiformes de industrialização e supercomercialização culturais, mas também o quanto das aspirações e obsessões próprias a nosso “espírito da época” é, traduzido e traído pela temática das mídias. A esse propósito, em vez de ignorar as séries de televisão – enquanto os alunos se instruem por elas –, os professores mostrariam que, por meio de convenções e visões estereotipadas, elas falam, como a tragédia e o romance, das aspirações, temores e obsessões de nossas vidas: amores, ódios, incompreensões, mal-entendidos, encontros, separações, felicidade, infelicidade, doença, morte, esperança, desespero, poder, traição, ambição, engodo, dinheiro, fugas, drogas (MORIN, 2003, p. 80).

É preciso que a escola ultrapasse as barreiras e adentre no social, deixe de lado algumas convenções e pensamentos estereotipados que sustentam a vida escolar para conseguir de fato atender às necessidades do aluno, assim como para que aconteça um livre diálogo e o bom convívio entre as ideias e opiniões divergentes entre escola e comunidade. Para isso, o professor precisa sair da posição de centralizador, de dono da verdade e se posicionar como mediador, pronto para ensinar e aprender com os alunos, precisa diminuir o distanciamento para conseguir fazer a ligação necessária para construir os saberes.

A ideia que se tem é que a leitura literária deve ser utilizada somente pelo professor de Português e que se outra disciplina utilizar, vai estaria invadindo a matéria do outro, é comum ouvir que do mesmo jeito que o professor de português não se atreveria ensinar sobre clima, o professor de geografia também não iria trabalhar com romances e filmes. Entretanto, é preciso observar que a arte não é feita para atender somente a uma disciplina, ela está a favor de toda a vida do homem, basta saber utilizá-la. Ainda deve se pensar que, quando se fala em arte literária, está se falando também em leitura e essa, normalmente, é o grande problema da maioria das escolas.

Por isso, ao invés de apresentar qualquer nova proposta de ensino de língua portuguesa, parece-me necessário avançar a reflexão sobre a instituição escolar tal qual ela se nos apresenta atualmente, e, a partir daí, pensar eixos organizadores para uma educação transdisciplinar (BAGNO; CORREA; DE SALEH, 2007. p. 71).

Quando se fala em interdisciplinar, é comum fazer uma relação com as disciplinas escolares, mas na verdade, ela tem um posicionamento mais universal, ultrapassa aos objetivos escolares de trabalhar um conteúdo, ou de despertar o hábito de ler, de promover o letramento, ela desafia o leitor a sair da comodidade e vivenciar experiências, sonhar, ter medo, odiar e pode ajudar o adolescente a encontrar resposta, desenvolver seu senso crítico, além do lazer,

por tudo isso, ela não pode ficar fora no planejamento do professor. A partir do momento em que o professor parte para utilizar a arte nas suas aulas, ele precisa estar preparado, motivado para utilizar, em sua metodologia, estratégias para atrair o aluno, pois vivemos num contexto que a leitura não é muito aceita e conseguir conscientizar seu aluno que a finalidade da utilização da arte literária não é fazer uma aula diferente, mas sim, de mudar uma concepção de ensino/aprendizagem.

Essa mudança das posturas de professores, principalmente os que não são área de linguagem, não é simples e nem vai acontecer facilmente. Ela fica mais fácil e viável, se os professores tiverem o apoio da equipe pedagógica da escola, para promover encontro entre professores e para que o trabalho não fique restrito à sala de aula. Além do mais, é preciso que toda a escola esteja com o mesmo pensamento, o de que a interdisciplinaridade é um dos cominhos, de forma dinâmica para complementar o conhecimento. Ela complementa quando um conhecimento dialoga com outro e com as experiências do aluno. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio (BRASIL, 2002),

[...] É importante enfatizar que a interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários. Explicação, compreensão, intervenção são processos que requerem um conhecimento que vai além da descrição da realidade mobiliza competências cognitivas para deduzir, tirar inferências ou fazer previsões a partir do fato observado (p. 88-89).

Todo o sucesso do trabalho interdisciplinar vai depender do empenho do professor, esse, uma vez motivado e imbuído da certeza que vai conseguir um resultado de sucesso, não vai esperar que aconteça um projeto da escola ou que outros professores abracem a causa com ele, muito ao contrário, vai procurar planejar suas aulas inserindo, sempre que possível, uma ponde com a arte literária.

Assim, práticas formativas referem-se a maneiras bem identificáveis de ensinar, mas também à qualidade das relações entre professor e aluno, ao exemplo profissional, à autoridade intelectual do professor formador, entre muitas outras ocorrências que os alunos podem avaliar como importante para o aprendizado do ser professor (GUIMARÃES, 2004, p. 56).

Todos ganham com o trabalho interdisciplinar, a começar pelo conhecimento, que chega até o aluno de forma mais ampla, os professores terão a oportunidade de interagir com outros colegas, dinamizar sua prática, tem a oportunidade de estar em contato com a arte, melhorar a relação professor/aluno, e os alunos por sua vez, vão ficar mais estimulados a estudar, vão estar em contato com o lúdico e ter a oportunidade de aprender não só o conteúdo, mas tudo o que o texto literário pode proporcionar.

3 METODOLOGIA

É preciso ler, é preciso ler... E se, em vez de exigir a leitura, o professor decidisse de repente partilhar sua própria felicidade de ler?
(Daniel Pennac, 1998)

O estudo de campo foi feito na escola municipal Nice Públio da Silva Leite, na cidade de Brumado, na Bahia. Essa escola foi escolhida para pesquisa, por causa da localidade, fica centro da cidade. Foram analisadas as turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, com enfoque na forma como a literatura era trabalhada na sala de aula e como a arte era vista pelos alunos.

A ação estratégica do trabalho de campo deu-se por meio da participação de professores da área de linguagem em três momentos de planejamento, ocorridos sempre nas quintas-feiras à tarde. No último encontro, oito professores que tinham as turmas do 6º ao 9º ano, responderam a um questionário com objetivo de comprovar a relação que eles tinham com o texto literário e a forma como eles trabalham com seus alunos. Desse modo, ficou evidente que, eles tinham pouca intimidade com a leitura literária, além de sentirem dificuldade em trabalhar qualquer tipo de leitura em sala de aula, alegaram que os alunos chegam na escola sem nenhum hábito para ler e que a biblioteca da escola não apresenta a estrutura mínima necessária.

Para manter a ética com a realização da pesquisa foi solicitado o consentimento dos participantes com a aplicação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para todos os sujeitos das amostras, mantendo em sigilo o nome dos participantes para que pudessem responder a pesquisa sem constrangimento. Posteriormente, foram aplicados os referidos questionários semiestruturados para coletar informações com todos os sujeitos envolvidos, sejam docentes ou discentes (ANEXOS I e II). Dessa forma, foram levantados dados qualitativos e quantitativos com o intuito de embasar e fortalecer a discussão da temática em questão. Esse método foi escolhido, pois possibilitou uma maior diversidade de dados e uma maior objetividade para assuntos de relevância com a pesquisa. Cabe ressaltar que houve o consentimento dos pais quanto à participação dos seus filhos na pesquisa, por meio do TCLE, uma vez que os mesmos apresentavam idade inferior aos dezoito anos.

Logo depois, foram aplicadas oficinas nessas turmas, em horário oposto ao das aulas, com o intuito de observar o tipo de intimidade que as crianças tinham com o texto literário. Considerando o evento como um todo, foi positivo, as crianças participaram e gostaram do momento lúdico, mas avaliando somente o momento da leitura e do contato com o livro

didático, esse resultado já muda, pois foi de pouca intimidade com o livro e menos ainda na participação.

Esse aspecto relatado pôde ser constatado no terceiro momento, no qual foram feitas observações nas aulas dos professores, ocasião em que foi aplicado um questionário semiestruturado, dessa vez destinado aos alunos, num total de 76 jovens. Esse questionário, no item em que perguntou quantos livros tinham lido durante o ano que se passou, foi observado que 39 alunos disseram não ter lido, enquanto outros 18 alunos disseram que leram de um a três, 14 discentes responderam ter lido somente um e os 5 restantes, leram mais de três, lembrando que, a grande maioria dessas leituras foram feitas por indicação da escola e para obter nota. Isso demonstrou o quanto os alunos estão descontextualizados com a leitura, seja como fonte de estudo, ou mesmo como mecanismo de divertimento e prazer, principalmente com o texto literário. Deixou evidente também, que eles não têm nenhum incentivo em casa, pois a décima primeira questão, pergunto do incentivo da leitura em casa e foi unânime na resposta, todos marcaram os familiares não têm hábito de ler e automaticamente, não incentivam sem filhos. O questionário foi respondido sem muito interesse, perguntaram se era para nota, se iam ganhar ponto.

Ao final de toda pesquisa de campo, ficou mais do que evidente que as crianças, na grande maioria das vezes, não têm contato com a arte literária em casa, demonstra que os pais, por inúmeros motivos, não incentivam a leitura. Esse problema também foi detectado na escola. A décima terceira pergunta constatou que, de 8 professores, cinco trabalha a leitura para nota, isso também foi observado e constatado nos momentos de planejamento, poucos professores usam a literatura num contexto que não seja para nota ou para eventos da escola.

A escola, não deve se prender e justificar seu fracasso com a leitura ao pais, que na fase infantil, não leram e nem incentivaram seu filho a ler, ela precisa se estruturar para fazer a parte dela. Seria muito mais fácil se o aluno, fora da escola, vivesse em um ambiente letrado, onde pudesse, desde antes de ir para a escola, ter intimidade com o livro, entendesse que esse, retrata toda a cultura de um povo. Contudo, a realidade está longe de ser esta, os alunos são filhos de famílias pobres, normalmente de pais analfabetos, e é por isso que a escola vai desacreditar na potencialidade do aluno, aí é que deve trabalhar mais.

O professor que reserva um momento da sua aula destinado à realização de leitura para seus alunos vai aumentar a chance de o aluno gostar e encontrar significado na leitura, principalmente, tratando-se de arte, um poema pode provocar emoção, uma crônica, a depender do tema tratado, pode criar um clima de reflexão, um conto pode proporcionar, em pouco tempo, num passaporte para uma aventura. Assim, em um trabalho que, a princípio pode ser

insignificante, faz muita diferença. Lajolo (2005) ressalta o seguinte em relação ao papel do professor na formação do leitor: “E você é a figura-chave para que a leitura chegue às mãos, aos olhos e ao coração dos alunos. Dos seus alunos” (p. 12). A autora ainda reforça,

Leia para seus alunos. Lendo com e para seus alunos você estará dando a eles um modelo de leitura oral. Esse modelo precisa ser ótimo. Saber ler em público, mantendo a atenção dos ouvintes e tornando-os receptivos ao que estão ouvindo é fundamental (idem, p. 32).

Uma coisa chamou a atenção durante o trabalho de campo, o professor não tem muito a prática da leitura literária, a sétima questão mostrou que, de oito professores, cinco faz leitura literária de somente um livro por mês e três professores leem dois. Diante disso, se o professor não tem o hábito de ler, dificilmente ele vai ter entusiasmo para incentivar a leitura, mesmo porque, ele precisaria conhecer e dominar os livros que apresentará a seus alunos. Lajolo (2005) enfatiza na necessidade da participação de toda a comunidade escolar com a leitura literária, que as práticas leitoras e as reflexões sobre elas ocorram também nas reuniões pedagógicas e no momento do planejamento.

Este trabalho se baseou tanto na pesquisa qualitativa como na quantitativa. A pesquisa qualitativa aconteceu quase todo momento, pois ela permite que o pesquisador questione, tire conclusões com a finalidade aprofundar no problema, conhecer a realidade e as dificuldades, sem falar que, esses momentos geram muitas anotações que vão norteando a pesquisa em si. A quantitativa aconteceu no momento da análise dos dados obtidos pelos questionamentos, tanto dos professores como dos alunos. Tanto a abordagem qualitativa quanto a quantitativa, dentro das suas especificidades, foram de muita relevância para a pesquisa, pois uma complementou a outra.

(...) os estudos quantitativos e qualitativos possuem, separadamente, aplicações muito profícuas e limitações de veras conhecidas, por parte de quem os utiliza há longo tempo. Por esta razão, a construção de estudos com métodos mistos pode proporcionar pesquisas de grande relevância para a Educação como corpus organizado de conhecimento, desde que os pesquisadores saibam identificar com clareza as potencialidades e as limitações no momento de aplicar os métodos em questão (DAL-FARRA; LOPES, 2013, p.71).

Foram trilhados vários caminhos para conseguir concluir esse trabalho, que começou com a pesquisa bibliográfica, uma busca de teóricos que aborda o tema trabalhado, foram muitas horas de leitura em busca do conhecimento prévio para conseguir um entendimento sobre o tema e os fatos coletados. Também foram pesquisadas referências em documentos que orientam o currículo educacional no Brasil, como os PCNs.

[...] o ato de ler, selecionar, fichar, organizar e arquivar tópicos de interesse para a pesquisa (...) é a base para as demais pesquisas e pode-se dizer que é uma constante na vida de quem se propõe estudar.” (FACHIN, 2001, p. 125).

Um outro meio utilizado na pesquisa, foi a observação sistemática, participativa, em que foi feito um acompanhamento na vida escolar por meio da observação da oficina. Tal etapa aconteceu mediante a participação no momento de planejamento, com técnicas e objetivos bem definidos para conhecer a relação do grupo com a arte literária. Importante salientar que a pesquisa de campo teve a finalidade de tentar mostrar como os fatos ocorrem na realidade, para uma posterior análise e interpretação dos dados com base numa fundamentação teórica sólida. No tópico que segue partiremos para análise desses resultados.

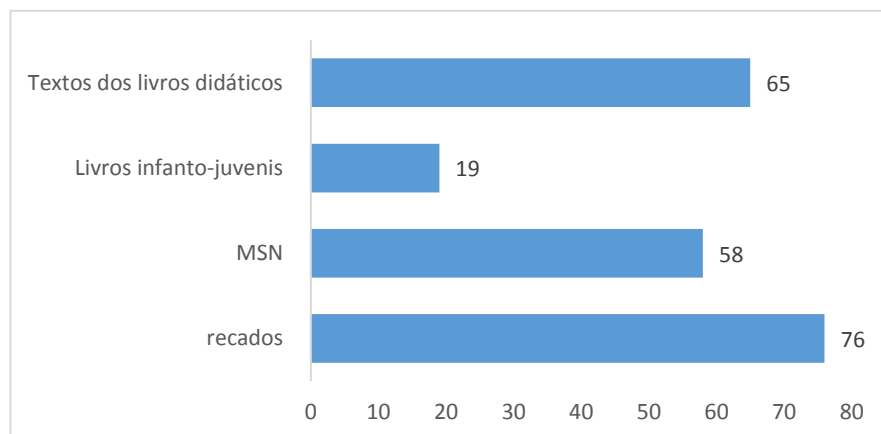
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Conforme mencionado, o estudo ora apresentado recorreu a uma pesquisa de campo a qual foi realizada na escola municipal Nice Públio da Silva Leite, na cidade de Brumado, na Bahia. Essa escola foi escolhida para pesquisa, por causa da localidade, uma vez que fica localizada na parte central da cidade. Foram analisadas as turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, com enfoque na forma como a literatura era trabalhada na sala de aula e como a arte era vista pelos alunos. Para tanto, recorreremos ao uso do questionário, o qual foi respondido por 76 alunos.

Esse questionário demonstrou o quanto os alunos estão descontextualizados com a leitura, dado que não o utilizam nem como fonte de estudo, ou mesmo como para o divertimento e o prazer, principalmente com o texto literário. A análise que apresentaremos, a seguir, deixou evidente também que eles não têm nenhum incentivo em casa e muito pouco na escola. Cabe destacar que o questionário foi respondido sem muito interesse, pois os alunos perguntaram se era para nota, se ganhava ponto, por isso, foram verificadas algumas contradições nas respostas.

Quando questionados sobre gostarem ou não de ler, dos 76 alunos, 54 responderam que não gostam. Isso corresponde a um percentual de 71,05% o que representa um número bastante elevado. Quando perguntados sobre a procura pela obtenção respostas para as dúvidas por meio da leitura, do total de alunos, 77,63% responderam que não costuma utilizar a leitura como recurso. Isso revela o pouco espaço que a leitura possui no cotidiano desses alunos. Quando questionados sobre que tipo de texto ele lê com frequência, obtivemos o resultado que segue no Gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1 — Que tipo de texto você lê com frequência? *

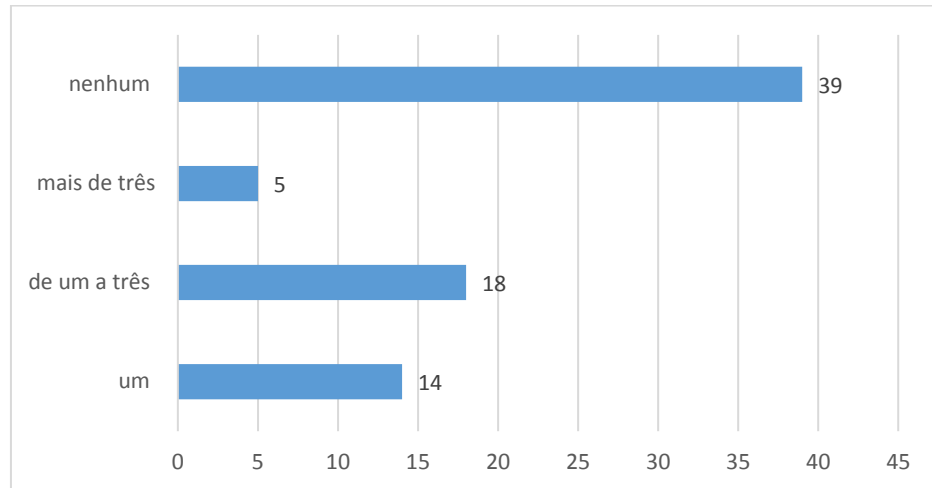


Fonte: Elaborado pela autora.

*As crianças podiam marcar mais de uma alternativa, 10 alunos marcaram história de amor e aventuras.

Os dados obtidos no Gráfico 1 permitem inferir o pouco contato desses alunos com livros literários. Quando perguntados sobre a quantidade de livros que foram lidos por eles no ano obtivemos as seguintes respostas:

Gráfico 2 — Quantos livros você já leu neste ano?



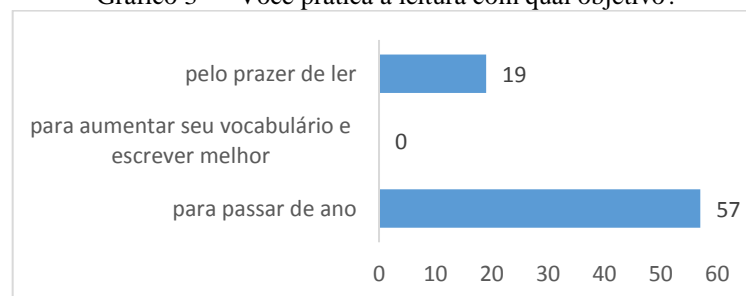
Fonte: Elaborado pela autora.

Quando perguntados sobre se a biblioteca da escola possui um ambiente agradável e amplo, bem como sobre se em casa, seus familiares (pai, mãe, irmão) têm o hábito de ler, 100% dos alunos entrevistados responderam negativamente. Esse percentual unânime demonstra que falta um incentivo tanto institucional quanto no âmbito familiar para que esses alunos tenham o hábito da leitura literária.

Por outro lado, quando questionados sobre quem os incentivava a ler, todos os 76 alunos responderam que seria professora. Tal realidade evidencia que embora os professores precisem estimular esse hábito nas atividades escolares, tal atitude não se coloca como suficiente para que a leitura literária seja incorporada ao cotidiano desses estudantes. Portanto, faz-se necessário um envolvimento maior de toda a comunidade para que isso ocorra.

Os alunos ao serem indagados acerca da prática da leitura com uma finalidade específica obtivemos as respostas que seguem no Gráfico 3.

Gráfico 3 — Você pratica a leitura com qual objetivo?

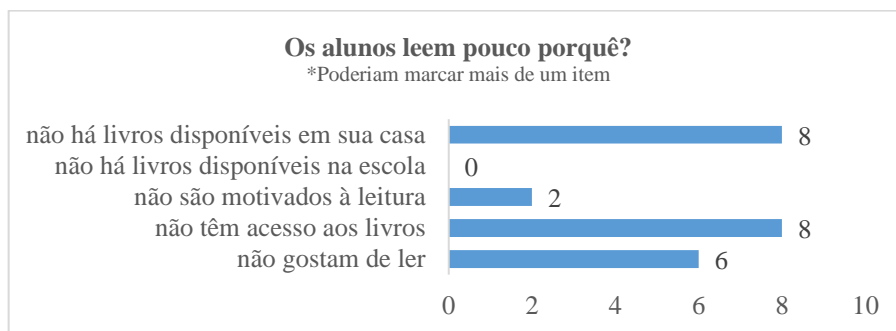


Fonte: Elaborado pela autora.

As respostas alcanças mediante a aplicação do questionário demonstraram a demasiada falta de interação com o hábito da leitura pelos alunos, justamente em um momento da vida escolar em que eles poderiam intensificar essa relação com a leitura literária. Isso fica evidente, sobretudo pelo fato de esses alunos não utilizarem a leitura nem como fonte de estudo, ou mesmo como para o divertimento e o prazer. A análise que apresentaremos reforça a evidente falta de incentivo, tanto em casa como em relação à infraestrutura escolar que impede um contato maior com esse hábito, muito embora, as respostas tenham apontado que haja algum tipo de incentivo por parte da professora.

A segunda etapa da nossa pesquisa de campo envolveu também a aplicação de questionário, o qual foi aplicado para oito professores de Língua Portuguesa e Artes do 6º ao 9º ano da Escola Nice Públio da Silva Leite. Acerca da formação, 5 desses professores eram habilitados em Letras e os outros 3 em Pedagogia. Quando questionados sobre o gosto pela leitura, todos responderam que sim, isto é, que gostavam de leitura. Quando perguntados se eles leem bem, todos responderam que compreendem o sentido dos textos. Acerca da percepção desses professores sobre a relação dos alunos com a leitura, fizemos o seguinte questionamento representado no Gráfico 4, a seguir:

Gráfico 4 — Os alunos leem pouco porquê?



Fonte: Elaborado pela autora.

Como pode ser observado no Gráfico 4, a grande maioria dos professores atribuíram a pouca disponibilidade de livros em casa e em outros espaços como um elemento que fazem com que os alunos leiam pouco. Quando questionados sobre se eles consideravam a leitura na escola um processo mecânico, dos oito professores, 6 responderam que raramente é um processo mecânico e 2 responderam que nunca acham mecânico. No que diz respeito à preferência por um dado tipo de leitura, 6 professores responderam que preferem ler livros e 2 afirmaram que têm preferência por revistas.

Esses oito professores, quando perguntados sobre a quantidade de livros que leem por mês, 5 responderam que leem 1 livro por mês e 3 professores afirmaram que leem 2 por mês. No que diz respeito à opinião desses oito professores sobre se a sala de aula proporciona a aprendizagem da leitura e sua apreensão, todos responderam que a sala de aula sempre proporciona essa possibilidade.

No que se refere à percepção desses oito professores acerca da prática de leitura por alunos em casa, todos responderam que acreditam que essa prática nunca acontece. Isso revela que há uma consciência desses professores sobre o fato de que não há um incentivo da família pela prática da leitura por esses alunos, ainda que haja a consideração de que a leitura seja importante na formação deles. Nesse sentido, todos esses professores informaram que oportunizam a leitura em sala de aula, talvez por entenderem que, no que toca à sua parcela de responsabilidade nesse processo, a parte referente ao papel do professor está sendo realizada.

Os professores foram perguntados sobre o objetivo da leitura na escola, dos oito professores, 3 afirmaram que ela tem como objetivo o prazer e os outros 5 responderam que se destina à obtenção de conhecimento. Quando questionados sobre como eles verificam se o aluno leu ou não o livro indicado por eles nas aulas, esses professores responderam que o fazem mediante comentários orais, atividades de interpretação de texto, ou mesmo por meio de cirandas para contar as leituras. Os oito professores foram unânimes em responder que “sim”, quando perguntados sobre o uso de romance no processo avaliativo.

Sobre como são utilizados os textos literários, a exemplo da poesia, de contos e da música na escola, as respostas foram unânimes em dizer que são utilizados nos momentos das apresentações e em eventos. Muito embora seja verificado um esforço, por parte dos professores, em inserir a leitura literária no cotidiano desses alunos, percebe-se que as iniciativas ainda são pouco consistentes, no sentido de incorporar a leitura literária como um elemento recorrente na vida desses alunos, tanto dentro como fora da escola.

A etapa de observação que foi feita quando da aplicação da oficina “Festa da leitura”. Ela reforçou a nossa hipótese de que as práticas de leitura na escola não desenvolvem nos alunos o hábito da leitura. Essa atividade foi desenvolvida na Escola Municipal Nice Públio da Silva Meira, com o total de vinte e seis alunos do 6º ano do Ensino Fundamental e teve a duração de 4 horas.

Objetivo geral da oficina foi sensibilizar os alunos, mediante a aplicação de atividades diversas e significativas, para a utilização das práticas de leitura que buscassem despertar o gosto e o compromisso com o ato de ler. Para isso, buscamos oferecer ao educando oportunidade

de interagir com as diversidades de textos escritos e perceber a utilização de cada um por meio de uma maior participação no ato da leitura.

Além disso, foi planejado o desenvolvimento de atividades prazerosas com diferentes tipos de leitura, como meio de despertar o gosto e o compromisso com o ato de ler. Para tanto, levamos para a sala de aula diversos textos, mediante os quais os alunos foram conduzidos a refletirem sobre a função de cada um. Nesse sentido, durante a oficina, eles foram questionados sobre para que ele precisava ler.

Esse questionamento buscou valorizar a forma de produção textual caracterizada pela reprodução de textos, incentivando os alunos à reescrita como forma verbal de expressão verbal. Foi realizada a leitura da história de “Matilda” de Roald Dahl, em seguida, foi proposta uma conversa sobre a história que pudesse possibilitar que outras crianças contassem alguma história que soubessem acerca daquele universo, o que foi feito também por meio da montagem de um mural com os desenhos.

Observamos que todos ficaram atentos, mas poucos participaram do momento de conversa sobre a história contada. O próximo passo foi conhecer os livros e escolher um para leitura, todos foleavam livros, trocaram com os outros colegas, buscavam livros pequenos, com mais gravuras, poucos fizeram a leitura. O lanche foi animado e a confecção do desenho ainda mais. Ao final, a socialização não foi muito participativa, diante disso foi possível perceber que poucos leram os livros e os que participaram foram bem superficiais. O encerramento foi com uma conversa sobre leitura e a confecção do mural.

A observação da referida oficina revelou que ainda é incipiente o envolvimento dos alunos com a leitura, isso pode ser atribuído ao fato de a leitura literária não fazer muito sentido para esses alunos, dada a realidade de que ela não faz parte do cotidiano deles. Portanto, quando esses alunos são expostos a atividades que envolvem a leitura, muitos não se animam em conhecer mais sobre a história apresentada ou mesmo não se sentem curiosos em partilharem novas leituras.

No momento da pesquisa de campo e da aplicação da oficina foi possível perceber que, embora as crianças não tivessem paciência para ler os livros na íntegra, gostavam de folhear, fazer leitura de imagem e apreciaram muito, o momento de contação de história. Esse pode ser o viés que o professor precisa para começar a trabalhar, tentar mostrar a ele que por meio do texto literário, ele pode encontrar registros de vidas, respostas para conflitos, beleza e prazer. Lajolo (2005), deixa bem claro que o ato de ler pode ser muito prazeroso, desde que saiba ler, pois o prazer pela leitura, é aprendido.

Tomando como base as respostas obtidas por meio do questionário, bem como mediante a observação realizada na oficina já referida, ficou evidente que os professores possuem pouca intimidade com a leitura literária, por isso sentem certa dificuldade em trabalhar qualquer tipo de leitura em sala de aula. Isso fica claro em razão desses docentes afirmarem que os alunos chegam na escola sem nenhum hábito para ler e que a biblioteca da escola é sem o mínimo necessário de estrutura, condição que reforça ainda mais a precariedade da leitura enquanto um hábito. Em última análise, esse distanciamento da leitura, de um modo geral, tem contribuído para o resultado ruim na aprendizagem, pois o ato de ler é o passaporte inicial para a construção do conhecimento.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho procurou mostrar, por meio da pesquisa de campo e da pesquisa bibliográfica, que a literatura não vem sendo trabalhada de forma adequada na escola, pois ainda existem muitos professores que não têm o hábito de ler, ou mesmo trabalham somente o livro didático na sala de aula. Soma-se a isso, o fato de ainda ser comum encontrar bibliotecas desativadas ou com poucos livros. Desta forma, fica muito difícil pensar em ter uma comunidade escolar que goste de ler.

Em contrapartida, o estímulo a leitura tem sido objeto de preocupação no cotidiano escolar, pois o ato de ler é fundamental na formação do aluno, e a escola tem responsabilidade no desenvolvimento das habilidades desse indivíduo. Outro fator que é muito preocupante, é a dificuldade que os alunos têm para interpretar texto, tudo isso se deve à falta de leitura. Ler ultrapassa as habilidades de decodificar sinais, é a capacidade de atribuir sentido ao que foi lido, além de analisar e se posicionar criticamente o que se tem diante de si.

Se existe uma dificuldade de ler e entender um texto no livro didático, fica mais difícil ainda entender um texto literário, pois muitas vezes ele tem linguagem figurativa, requer um conhecimento prévio. Para formar leitores literários não basta ler, é preciso fazer essa análise mais profunda em todos seus aspectos, e o professor é essencial nesse processo, já que a leitura é feita em consequência da forma como se aprende a ler na escola.

Tanto a comunidade escolar, como os pais precisam entender o valor que a literatura tem para a formação do indivíduo. A Literatura aguça a fantasia e a curiosidade pela descoberta tornando o leitor mais crítico e criativo, ensinando-o a reagir diante de situações desconhecidas, além de auxiliar na resolução de conflitos e também possibilitar a materialização do registro da língua e as suas estruturas linguísticas, ajudando-o no desempenho da leitura e da escrita.

Portanto, a ideia de que ler é puramente uma fonte de prazer é um equívoco, a leitura forma e informa o leitor. De acordo com Zilberman (1986, p. 11), “as afinidades entre escola e leitura se mostram a partir da circunstância de que é por intermédio da ação da primeira que o indivíduo se habilita a segunda”. Nesse sentido, para a referida autora, a crise que está relacionada à leitura pode ser interpretada também como uma crise da escola.

A proposta do ensino de literatura no ensino fundamental, deve ser mais voltada para despertar a leitura prazerosa e a emoção do aluno, e não a memorização de dados relativos a datas, aos nomes, aos livros e aos autores. A prática constante de leituras com metodologias adequadas, faz com que o aluno aprenda a assimilar os dados essenciais sobre uma obra, portanto, dispensa tais preocupações, pois “[...] os professores ficam preocupados com extensos

programas de gramática, pouco tempo dispensa à leitura de obras literárias” (VIEIRA, 1989, p. 40).

O professor, por desempenhar papel ativo no ensino de literatura, deve ser um leitor conhecedor do seu ofício, pois ele é o mediador na relação entre o aluno e o texto, ajudando a despertar estímulos, até então, desconhecidos nos seus alunos, agindo e reagindo a sensações variadas, a depender de cada indivíduo. Também é ele quem o ajudará a escolher os livros, os textos, observando sempre os anseios e a necessidade de sua classe. Também é responsável pela melhor forma de apresentá-lo ao grupo “[...] métodos e técnicas também são de seu domínio. Regente de um espetáculo, o professor dirige o processo ensino-aprendizagem. ” (VIEIRA, 1989, p. 23).

Ao organizar a literatura na escola, a oferta de textos e livros próximos do leitor é significativa, aliás, nada substitui o livro literário. O prazer de tocá-lo, a curiosidade e folheá-lo são insubstituíveis para ele. A literatura infanto-juvenil, quando bem direcionada, preenche questões em que o aluno facilmente se situa, seja pela linguagem, pelo ambiente, pelos caracteres das personagens, pelos problemas colocados. A familiaridade do leitor com a obra de arte gera predisposições para a leitura e o conseqüente desencantamento do ato de ler.

[...] o período da pré-adolescência em que o conhecimento da própria personalidade e o desenvolvimento dos processos agressivos ativam a vivência social e a formação de grupos. Os interesses de leituras preenchem as necessidades do leitor através de enredos sensacionalistas, histórias vividas por várias gangues, personagens diabólicas, histórias sentimentais (AGUIAR, 1988, p. 19-20).

Os alunos começam a leitura crítica, em que o leitor interpreta os dados fornecidos pelos textos e também se posiciona diante dele, iniciando-se nos juízos dos valores. As preferências por livros de aventura, em que os problemas são resolvidos por grupos de jovens, vêm preencher as necessidades do leitor de iniciar-se no questionamento da realidade, ampliando sua dimensão social.

A partir desse momento o professor vai sustentar seu trabalho em objetivos e não somente satisfazer os interesses imediatos dos alunos, podendo aguçar cada vez mais a curiosidade para textos mais profundos, ampliando mais o universo cultural do aluno. Nesse caso, o professor de literatura deve orientar os trabalhos de forma mais dinâmica e gradativa, propondo novas obras que introduzem inovações no repertório do aluno, rompendo com a acomodação e promovendo a expansão de vivências culturais e existenciais.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICK, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988.
- ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. **Letras, leitor, leituras: reflexões**. 2 ed. – Itabuna: Via litterarum, 2006.
- AZEVEDO, Janete Lins de. **A educação como política pública**. São Paulo: Ed. Autores associados, 2004.
- BAGNO, Marcos; CORREA, Djan Antonucci; DE OLIVEIRA SALEH, Pascoalina Bailon. **Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso**. Parábola, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRANDÃO, H. N.; MICHELETTI, G. Teoria e prática da leitura. *In*: CHIAPPINI, L. (Coord.). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação - MEC, Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias**. Brasília, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura/Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais-Brasília: MEC/SEF**. 1997, V.2. 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura/Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, v. 1, 1997.
- CASCAVEL. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo para rede Pública Municipal de Ensino de Cascavel: ensino fundamental - anos iniciais**. Cascavel, PR: SEMED, 2007.
- CHIAPPINI, Lúgia (org). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil. Teoria, análise e didática**. São Paulo: Ática, 1991.
- COLOMER, Tereza. **Ensinar a ler, ensinar a compreender** / Tereza Colomer e Ana Camps; trad. Fátima Murad – Porto Alegre: Artmed, 2002.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012

DAL-FARRA, Rossano André Paulo; LOPES, Tadeu Campos. Métodos Mistos de Pesquisa em Educação: pressupostos teóricos. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 24, n. 3, p. 67-80, set./dez. 2013. Disponível em: < <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2698> >. Acesso em: 10 set. 2015.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil.** Autêntica Editora, 2011.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia.** 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001. 200 p.

FERRARO, Alceu Ravello; KREIDLOW, Daniel. **Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais.** Educação & Realidade, v. 29, n. 2, 2004.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão.** Porto Alegre: Artmed Editora, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1998.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula.** In: GERALDI (org.). São Paulo: Ática, 2002.

GUIMARÃES, Valter S. **Formação de professores: saberes, identidade e profissão.** Campinas, SP: Papyrus, 2004.

IBGE. **Censo Demográfico 2000.** Rio de Janeiro: IBGE. 2000.

JOSÉ, Mariana Aranha, Interdisciplinaridade: as disciplinas e a interdisciplinaridade brasileira. In: FAZENDA, Ivani. (org). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008. p. 85-95.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.** 6. Ed. Campinas: Pontes Editores, 1999.

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.** 8ed Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.** 9ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura.** 14. ed. São Paulo: Pontes, 2011.

LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil.** (Coautoria: Regina Zilberman) São Paulo: Ática. Prêmios Açoreanos, 1997, Categoria Literatura – Ensaio, 1998.

_____. **Literatura: leitores e leitura.** São Paulo: Ed. Moderna, 2001.

_____. Natureza interdisciplinar da leitura e suas implicações na metodologia do ensino. In: ABREU, Márcia (org.) **Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º COLE.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias & histórias.** 6 ed. São Paulo: Ática, 2004.

LERNER, Delia. **Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o necessário**, Porto Alegre, Artmed, 2005.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. 18ª ed., 2ª reimp. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2013.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. 8ª ed. Rio de Janeiro - RJ: ed. Bertrand Brasil, 2003.

PAULINO, Graça. **Letramento Literário: cânones estéticos e cânones escolares**. Caxambu – MG: ANPED. Texto encomendado: GT 10- Alfabetização Leitura e Escrita. Texto eletrônico, 1999.

RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. **Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, v.19, 2010.

ROCHA, T. B. **Práticas de leitura nas séries iniciais do ensino fundamental: implicações para a formação do leitor crítico**. Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal do Espírito Santo. 2008.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Biblioteca Nacional: uma história por contar**. In: PRADO, Jason; DINIZ, Júlio (Org.). *Vivências de Leituras*. Rio de Janeiro: Leia Brasil, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Leitura na escola e na biblioteca**. 2 ed.: campinas, SP: Papyrus, 1986.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura literária & outras leituras. Impasses e alternativas no trabalho do professor**. Belo Horizonte: RHJ Editora, 2009.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Interdisciplinaridade: um novo olhar sobre as ciências*. In: FAZENDA, Ivani. (org). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008. p. 65-83.

VIEIRA, Alice. **O prazer do texto: perspectivas para o ensino de literatura** — EPU: São Paulo. 1989.

YUNES, Eliana. **Pensar a Literatura: Complexidade, organização**. Ed. Loyola: São Paulo. 2002.

ZILBERMAN, Regina *et al.* **Leitura: Perspectivas interdisciplinares**. Ed. Ática, São Paulo: 2004.

ZILBERMAN, Regina. A literatura educa. *In*: ZILBERMAN, Regina. SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. Mercado aberto. Porto Alegre. 1990.

_____. **A Literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

ANEXOS



FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE ALUNOS

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa: "**O ensino de literatura no ensino fundamental II: Metodologias e perspectivas**", que tem como pesquisador responsável: **Vanuza Cardoso de Souza Vasconcelos**.

A Pesquisa atenderá as exigências éticas e científicas, e os participantes da mesma terão seu anonimato preservado.

Esta pesquisa pretende **analisar como se processa o ensino da literatura nas escolas do ensino fundamental, no sentido de reconhecer sua importância para o incentivo à leitura prazerosa que desperta a emoção, a fantasia, o senso crítico e a sensibilidade do educando**.

Caso você decida participar, você deverá consentir e fornecer dados ao pesquisador.

Os dados da entrevista serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em arquivo, local seguro, Departamento de Pesquisa por um período de 5 anos.

Durante a realização dos procedimentos acima descritos, a previsão de riscos é mínima.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para _____, Telefone: _____, ou entrando em contato pelo meu e-mail pessoal: _____. A pesquisa ocorrerá na Escola Nice Públio da Silva Leite, no endereço: _____.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Se você tiver algum gasto pela sua participação nessa pesquisa, ele será assumido pelo pesquisador e reembolsado para você.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável _____.

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa "**O ensino de literatura no ensino fundamental II: Metodologias e perspectivas**", e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Brumado – BA, _____/ 07 /2016.

Assinatura do participante da pesquisa ou responsável
(Em caso de menor de idade)

Assinatura do pesquisador responsável



FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Questionário para os alunos do 6º ao 9º ano da Escola Nice Públio da Silva Leite

Esse questionário foi respondido por 76 alunos.

1 - Você gosta de ler?

sim – 22 alunos

não – 54 alunos

2 - Você procurar obter respostas para suas dúvidas por meio da leitura?

sim – 17 alunos

não - 59 alunos

3 - Que tipo de texto você lê com frequência?

recados – todos marcaram

MSN – 58 - alunos

livros infanto-juvenis – 19 alunos

textos dos livros didáticos – 65 alunos

textos de revistas – não marcaram

outros. Quais? não responderam

Atenção: as crianças podiam marcar mais de uma alternativa, 10 alunos marcaram história de amor e aventuras.

4 - Que tipos de livros você mais aprecia?

histórias de amor – 17 alunos

investigação e mistério – ninguém marcou

aventuras – 25 alunos

não gosto de ler - 50 marcaram

terror – ninguém marcou

nenhum – ninguém marcou

Atenção: as crianças podiam marcar mais de uma alternativa, 12 alunos marcaram história de amor e aventuras.

5 - Qual critério usa para escolher o livro?

os mais coloridos - 15 alunos

com letras grandes e bastante desenho – 13 alunos

a capa do livro - 22 alunos

os mais finos – 40 alunos

Atenção: os alunos marcaram mais de uma opção

6 - Quantos livros você já leu neste ano?

- um - 14 alunos
- de um a três - 18 alunos
- mais de três - 5 alunos
- nenhum - 39 alunos

OBS: Eles questionaram que a professora passa o romance para ler eles acabam não lendo.

7 - Quantas vezes na semana você tem aula de leitura?

- uma vez – 26 alunos
- duas vezes - 30 alunos
- três vezes
- nenhuma – 20 alunos

Houve muita contradição , percebi que eles firam meio perdidos para responder.

8 - Você vai à Biblioteca por livre iniciativa?

- sim
- não – todos marcaram não

9 - Você costuma ir à biblioteca com qual frequência?

- raramente
- quando necessário - todos responderam esse
- sempre

10 - A biblioteca da escola possui um ambiente agradável e amplo?

- sim
- não – todos marcaram não

11 - Em casa, seus familiares (pai, mãe, irmão,...) têm o hábito de ler?

- sim
- não – todos marcaram não

12 - Quem incentiva você a ler?

- os pais
- a professora - todos marcaram a professora
- a bibliotecária
- os colegas

13 - Durante as férias escolares você costuma ler algum livro?

- sim – 17 alunos
- não – 59 alunos

14 - Durante a leitura, ao se deparar com palavras desconhecidas, o que você faz:

- finge que não vê - 56 alunos
- consulta o dicionário
- continua lendo para ver se descobre o que significa mais adiante – 20 alunos

15 - Você pratica a leitura com qual objetivo?

- para passar de ano – 57 alunos
- para aumentar seu vocabulário e escrever melhor
- pelo prazer de ler – 19 alunos

16 – Você ler os livros indicados na escola?

- sim - 46 alunos
- não - 30 alunos
- não indica livros

Esse questionário demonstrou o quanto os alunos estão descontextualizado com a leitura, nem como fonte de estudo nem muito menos como divertimento e prazer, principalmente com o texto literário. Deixou evidente também que eles não têm nenhum incentivo em casa e muito pouco na escola.

O questionário foi respondido sem muito interesse, perguntaram se era para nota, se ganhava ponto, por isso, algumas contradições nas respostas.



**FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE DOCENTES

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa: "**O ensino de literatura no ensino fundamental II: Metodologias e perspectivas**", que tem como pesquisador responsável: **Vanuza Cardoso de Souza Vasconcelos**.

A Pesquisa atenderá as exigências éticas e científicas, e os participantes da mesma terão seu anonimato preservado.

Esta pesquisa pretende **analisar como se processa o ensino da literatura nas escolas do ensino fundamental, no sentido de reconhecer sua importância para o incentivo à leitura prazerosa que desperta a emoção, a fantasia, o senso crítico e a sensibilidade do educando**.

Caso você decida participar, você deverá consentir e fornecer dados ao pesquisador.

Os dados da entrevista serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em arquivo, local seguro, Departamento de Pesquisa por um período de 5 anos.

Durante a realização dos procedimentos acima descritos, a previsão de riscos é mínima.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para _____, Telefone: _____, ou entrando em contato pelo meu e-mail pessoal: _____. A pesquisa ocorrerá na Escola Nice Públio da Silva Leite, no endereço: _____.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Se você tiver algum gasto pela sua participação nessa pesquisa, ele será assumido pelo pesquisador e reembolsado para você.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável _____.

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa "**O ensino de literatura no ensino fundamental II: Metodologias e perspectivas**", e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Brumado – BA, _____/ 07 /2016.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável



FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Questionário para os professores de Artes e Língua Portuguesa do 6º ao 9º ano
da Escola Nice Públio da Silva Leite

Foram analisados oito professores

01 – Qual a sua formação?

5 professores habilitados em Letras e 3 em Pedagogia

02 - Você gosta de ler?

Todos responderam que sim

03 - Ler bem é:

Gostar de ler.

Compreender o sentido dos textos. – todos responderam esse item

04 - Os alunos leem pouco por que:

não gostam de ler. - 6 professores

não têm acesso aos livros – todos marcaram

não são motivados à leitura – 2 marcaram

não há livros disponíveis na escola.

não há livros disponíveis em sua casa – todos marcaram

Poderiam marcar mais de um item

05 - Você considera a leitura na escola um processo mecânico?

sempre

muitas vezes

raramente - 6 professores

nunca – 2 professores

06 - Você prefere ler:

livros - 6 professores

revistas - 2 professores

jornais

07 - Quantos livros você lê por mês?

um - 5 professores

dois - 3 professores

mais de dois

nenhum

08 - Qual o tipo de livros que você lê?

- livro didático
- científico
- autoajuda
- outros. Todos marcaram outros

09 - A sala de aula, na sua opinião, proporciona a aprendizagem da leitura e sua apreensão?

- raramente
- algumas vezes
- muitas vezes
- sempre – todos responderam sempre

10 - Você acha que a leitura é praticada em casa pelos alunos?

- sempre
- muitas vezes
- raramente
- nunca - todos responderam sempre

11 - Você considera a leitura importante na formação do aluno?

- sim - todos responderam sempre
- não

12 - Você oportuniza a leitura em sala de aula?

- sim - todos responderam sempre
- não

13 - A leitura na escola está sendo realizada de modo a:

- extrair informações
- por prazer – 3 professores
- para obter conhecimento – 5 professores

14 – Como você verifica se seu aluno leu ou não o livro indicado?

Comentários orais
Interpretação de texto
Ciranda para contar as leituras

15. Você costuma inserir os romance no processo avaliativo?

- sim – todos responderam sim
- não

16. Como é utilizado os textos literários como a poesia, contos, música na:

Escola

As respostas foram unânimes em dizer que são utilizados nos momentos das apresentações e eventos

Na sala de aula

Interpretação de texto

Estudo de gêneros textuais

Anexo III – Oficina “Festa da leitura”

ESCOLA MUNICIPAL NICE PÚBLIO DA SILVA MEIRA

CLIENTELA: alunos do 6º ano do Ensino Fundamental.

TEMPO: 4 horas

OBJETIVO GERAL

Sensibilizar os alunos, com vistas à utilização das práticas de leitura, através de atividades diversas e significativas, buscando despertar o gosto e o compromisso com o ato de ler.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Oferecer ao educando oportunidade de interagir com as diversidades de textos escritos e perceber a utilização de cada um através de uma maior participação no ato da leitura.

Desenvolver atividades prazerosas com diferentes tipos de leitura, como meio de despertar o gosto e o compromisso com o ato de ler

Levar para sala de aula diversos textos, através dos quais os alunos serão conduzidos a refletirem sobre a função de cada um.

Conduzir a resposta do questionamento: PARA QUE EU PRECISO LER?

Valorizar a forma de produção textual caracterizada pela reprodução de textos, incentivando os alunos à reescrita como forma verbal de expressão verbal.

METODOLOGIA

1º Momento

Arrumar a turma em círculo e contar a história de “Matilda” de Roald Dahl.

2º Momento

Conversar sobre a história e possibilitar que outras crianças contem alguma história que sabe.

3º Momento

Colocar no centro da roda vários livros e pedir para que eles escolham um para ler.

Deixar a turma bem descontraída.

4º Momento

Lanche

5º Momento

Expressar por desenho a história que leu.

6º Momento

Socialização: sem a obrigatoriedade, permitir que cada um fale sobre o livro que leu e o desenho.

7º Momento

Montar um mural com os desenhos.

RECURSOS

Humanos

Livros

Lápis de diversos tipos

Folhas

Papel madeira

AVALIAÇÃO

Participação nas atividades

Anexo IV – Relatório da oficina aplicada com os alunos

A oficina foi aplicada na Escola municipal Nice Públio da Silva Meira, no turno oposto das aulas, com alunos do sétimo ano, num total de vinte e seis alunos.

Tudo começou com um bem-vindo e contação de histórias, todos ficaram atentos, mas poucos participaram do momento de conversa sobre a história contada.

O próximo passo foi conhecer os livros e escolher um para leitura, todos folheavam livros, trocaram com os outros, buscavam livros pequenos, com mais gravuras, poucos fizeram a leitura.

O lanche foi animado, e a confecção do desenho ainda mais.

Ao final, a socialização não foi muito participativa, deu para perceber que poucos leram os livros e os que participaram foram bem superficiais.

O encerramento foi com uma conversa sobre leitura e a confecção do mural.